

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

ÉDER JOSÉ MÜLLER

**SEMINÁRIOS INTEGRADOS NO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO:
O IMPACTO DAS MUDANÇAS CURRICULARES NA PERSPECTIVA
DE DOCENTES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO RIO GRANDE DO SUL
E POSSÍVEIS CONEXÕES COM A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES**

Porto Alegre

2016

ÉDER JOSÉ MÜLLER

**SEMINÁRIOS INTEGRADOS NO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO:
O IMPACTO DAS MUDANÇAS CURRICULARES NA PERSPECTIVA
DE DOCENTES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO RIO GRANDE DO SUL
E POSSÍVEIS CONEXÕES COM A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do Título de Licenciado em Educação Física

Orientadora: Lisandra Oliveira e Silva

Porto Alegre

2016

SEMINÁRIOS INTEGRADOS NO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO:
O IMPACTO DAS MUDANÇAS CURRICULARES NA PERSPECTIVA
DE DOCENTES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO RIO GRANDE DO SUL
E POSSÍVEIS CONEXÕES COM A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Conceito final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vicente Molina Neto – UFRGS

DEDICATÓRIA

Este Trabalho é dedicado a uma pessoa que influenciou positivamente em minha dedicação com a educação, provocou diversas mudanças em minhas estruturas, me ajudou a redescobrir minha capacidade de refletir e de produzir conhecimentos. Dedico meu Trabalho de Conclusão de Curso à minha orientadora, Profa. Dra. Lisandra Oliveira e Silva, pessoa que admiro e me inspirou a ser mais compreensivo e reflexivo, além de atento aos acontecimentos do âmbito escolar, acadêmico e humano.

AGRADECIMENTOS

Diversas pessoas merecem meus agradecimentos, por contribuírem direta ou indiretamente com a minha formação, e que nessa singela homenagem, em poucas linhas, não seria o suficiente para expressar tamanha gratidão. Porém, menciono algumas delas, de modo que as demais, que aqui não estejam listadas, sintam-se carinhosamente homenageadas.

Agradeço aos meus pais Fernando e Krystyna, por todo empenho, dedicação, suporte emocional ou financeiro e principalmente pelo seu amor e acolhimento, além do encorajamento a tomadas de decisões, transmitindo confiança. Minha avó Joana, professora aposentada, que me incentivou, apoiou e reconhece a importância da dedicação com a educação.

Minha linda namorada Evelise, que sempre esteve ao meu lado e forneceu carinho e amor: Obrigado pela tua paciência e dedicação, meu amor, foram e são muito importantes pra mim!

Agradeço ao meu querido irmão Eduard, uma das pessoas mais inteligentes, competentes e compreensivas que eu conheço e me inspira com sua paciência, preocupação nas relações interpessoais, a quem me orgulha em ser irmão. Bem como meu irmão mais velho, o Edgar, que fez parte da minha decisão de ingressar na Universidade e é outro sujeito que admiro seriamente, com sua determinação e dedicação, além de me prestar muita ajuda.

Professor Dr. Vicente Molina Neto que me convidou para fazer parte do grupo F3P-EFICE, ao qual integro e tem sido ambiente de muitas aprendizagens, resultando em uma forte admiração aos integrantes desse querido grupo de estudos.

Meu grande amigo Léo, carinhosamente chamado “colega”, cujo destino nos fez amigos, mas o coração nos torna irmãos. Pessoa que dividiu muitas emoções comigo, da preparação para o ingresso na Universidade, às celebrações de conquistas. Aos amigos(as), os “velhinhos”, Daniele, Lilian, Lucas Mizusaki, Lucas Triches, Mariele, Marina, Mélani, obrigado pelos momentos de felicidade e grandes diálogos e as “cervas” que bebemos, mas acima dessas coisas, por serem tão importantes em minha vida.

A Profa. Dra. Malú Oliveira, quem tenho grande admiração e faz parte de minhas conquistas. Aos integrantes do grupo TCHE/UFRGS, ao qual me integro desde o ano de 2014 e já compartilhei inúmeras emoções.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela possibilidade de construir uma formação acadêmica e descobrir diversas possibilidades de conhecimentos. Aos trabalhadores (as) desta Universidade, em especial ao setor da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), assim como os trabalhadores (as) dos Restaurantes Universitários e demais colaboradores que dedicaram esforços à manutenção da infraestrutura na qual me inseri nesse período, meu mais sincero obrigado!

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é fruto de questionamentos e de inquietações vividas no âmbito escolar e na Formação Inicial de Professores. Tem por objetivo: Compreender como a Educação Física no Ensino Médio Politécnico do Estado do Rio Grande do Sul está sendo desenvolvida em Escolas Estaduais e de que maneira é contemplada nos Seminários Integrados, através da perspectiva de docentes. Tomando como base a “Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio”, implementada na Rede Estadual de Ensino, desde 2011, a partir de uma Reestruturação Curricular, emergem inquietações que se configuraram no seguinte problema de pesquisa: **“Como a Educação Física no Ensino Médio Politécnico do Estado do Rio Grande do Sul está sendo desenvolvida nas Áreas das Linguagens nas Escolas Estaduais e de que maneira é contemplada nos Seminários Integrados a partir da interdisciplinaridade?”**. Na expectativa de compreensão da configuração das aulas de Educação Física, atualmente inserida na Área das Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, optei em realizar um Estudo de Caso em uma Escola Estadual. O trabalho de campo teve duração de 10 meses e os procedimentos para obtenção de informação utilizados na pesquisa foram: Entrevista, Diário de Campo, Observações Participantes e Análise Documental. As análises e as interpretações da pesquisa foram organizadas em três categorias, a saber: Seminários Integrados e Interdisciplinaridade: Pesquisa como Princípio Pedagógico; A Educação Física No Ensino Médio Politécnico; Formação Inicial Em Educação Física: Aprendizagens Construídas com a Pesquisa. O acompanhamento das aulas de Educação Física da escola pesquisada, e, especialmente as observações da organização dos Seminários Integrados em uma turma do Ensino Médio me possibilitam dizer que existe uma real necessidade de compreensão da Proposta por parte do corpo docente, que, atualmente, desempenha uma tradução/apropriação desta, de acordo com as reais condições do contexto escolar. Outro fator que emerge a partir deste Trabalho, trata da constatação da utilização da Pesquisa enquanto princípio pedagógico nos Seminários Integrados, assim como, nas aulas de Educação Física. Do mesmo modo, foi possível observar que a inserção da Educação Física na Área das Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, tem se ilustrado mais no desenvolvimento e na aproximação das temáticas dos Seminários Integrados, do que nas aulas deste Componente Curricular. Desta forma, compreendo que o presente Trabalho pode contribuir com a Formação Inicial no Curso de Educação Física, por apresentar informações e reflexões pertinentes do atual cenário de uma das instituições estaduais que aderiram às transformações curriculares no Ensino Médio Politécnico, oferecendo ao licenciando, um olhar mais próximo da realidade escolar.

Palavras Chave: Educação Física; Ensino Médio; Ensino Médio Politécnico; Seminários Integrados.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO E APROXIMAÇÃO AO PROBLEMA DE PESQUISA.....	9
1. REVISÃO DE LITERATURA.....	14
1.1 LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL: A EDUCAÇÃO COMO DIREITO.....	14
1.2 EDUCAÇÃO BÁSICA: ENSINO MÉDIO.....	15
1.3 PROPOSTA PEDAGÓGICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.....	16
1.4 EDUCAÇÃO FÍSICA NA ÁREA DAS LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS.....	18
1.5 EDUCAÇÃO FÍSICA E INTERDISCIPLINARIDADE.....	19
1.6 EDUCAÇÃO FÍSICA NO SEMINÁRIO INTEGRADO.....	20
2. METODOLOGIA.....	23
2.1 OBJETIVOS E PROBLEMA DE PESQUISA.....	23
2.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA: ESTUDO DE CASO.....	24
2.2.1 Descrição da Escola.....	25
2.2.2 Negociação de Acesso e de Permanência ao Campo.....	27
2.3 PROCEDIMENTOS PARA OBTENÇÃO DA INFORMAÇÃO.....	30
2.3.1 Entrevista Semi-Estruturada.....	30
2.3.2 Observação Participante.....	32
2.3.3 Diário de Campo.....	33
2.3.4 Análise de Documentos.....	34
3. ACHADOS DA PESQUISA.....	36
3.1 SEMINÁRIOS INTEGRADOS E INTERDISCIPLINARIDADE: PESQUISA COMO PRINCÍPIO PEDAGÓGICO.....	36
3.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO.....	43
3.3 FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: APRENDIZAGENS CONSTRUÍDAS COM A PESQUISA.....	46
CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS.....	51
REFERÊNCIAS.....	54
APÊNDICES.....	56
APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	56
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	58
APÊNDICE C – ENTREVISTA TRANSCRITA.....	62
ANEXOS.....	76
ANEXO A – CARTAZES DO SEMINÁRIO INTEGRADO.....	76

INTRODUÇÃO E APROXIMAÇÃO AO PROBLEMA DE PESQUISA

O ingresso no Curso de Licenciatura em Educação Física, no ano de 2012, me proporcionou inserção em um ambiente no qual desejava e desejo atuar, pois percebo a Educação, fonte das Ciências, instrumento de difusão e de construção de saberes e que, através dela, procuramos a emancipação e a formação humana dos sujeitos.

Creio em uma Educação com maior dedicação aos valores humanos e a uma formação inovadora, pois é indispensável atentar que a Educação reporta-se a seres humanos, esses, dotados de emoções, pensamentos, anseios, sentimentos, ações, expressões. Inovadora, por compreender como necessidade, uma transformação na sociedade mundial, pois vivemos em um contexto no qual as conquistas materiais ganham maior proporção e magnitude comparadas aos valores interpessoais. Assim, almejo difundir o conhecimento, tendo como princípio o compromisso com o aprofundamento de noções éticas e a formação de sujeitos críticos e reflexivos.

O campo da Educação Física (EFi) é um valoroso espaço de possibilidades. Neste contexto, estão inseridos conhecimentos psicomotores, afetivos, culturais e sociais, compreendidos através da Cultural Corporal de Movimento. A diversidade dessa área implica em significativas oportunidades, por outro lado, pode caracterizar um desafio ao referir o planejamento no contexto escolar. O docente que atua nesse campo possui certa autonomia e independência quanto à escolha dos conteúdos de suas aulas na escola, no entanto, deve consolidar o que propõe as Legislações da área de conhecimento, as necessidades dos estudantes das escolas, bem como o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (BRASIL, 1996), a EFi deve estar integrada à proposta pedagógica das Instituições escolares, tratando-se de um Componente Curricular obrigatório da Educação Básica, que necessita ser ajustada à faixa etária e às condições da população escolar.

No Ensino Médio (EM), etapa final e obrigatória da Educação Básica, a composição curricular é apresentada em três anos e é diferenciada quanto aos conteúdos desenvolvidos em cada Componente Curricular durante o período. Nesse âmbito, o EM, no Brasil, vive um momento de adaptação frente às ações de mudanças – quanto à sua estrutura, finalidades, identidade, dentre outros elementos – propostas pelo Governo Federal (Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio; Programa Ensino Médio Inovador; Programa Dinheiro Direto na Escola, dentre outras Políticas Públicas), que trato a seguir.

O Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio¹ (BRASIL, 2013), trata de um conjunto de ações envolvendo a União, os Governos Estaduais e os Distritos, por meio das Secretarias de Educação, e tem como finalidade aumentar a qualidade do EM no país, a partir da perspectiva da inclusão de todos que possuem direito a essa etapa da Educação Básica. Em sua fase inicial, estão previstos dois movimentos para dar conta desses objetivos: o “redesenho curricular”, por meio do Programa Ensino Médio Inovador² (ProEMI) (BRASIL, 2009) e a Formação Continuada de professores do EM iniciada em 2014. O ProEMI (BRASIL, 2009) tem como objetivo,

apoiar e fortalecer o desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nas escolas de ensino médio, ampliando o tempo dos estudantes na escola e buscando garantir a formação integral com a inserção de atividades que tornem o currículo mais dinâmico, atendendo também as expectativas dos estudantes do Ensino Médio e às demandas da sociedade contemporânea [...].

Nesse sentido, o planejamento de um novo currículo para o EM procura articulação entre as áreas do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologias. Para tanto, apresenta uma organização a partir de 8 macrocampos nas Áreas de Conhecimento (Acompanhamento Pedagógico; Iniciação Científica e Pesquisa; Cultura Corporal; Cultura e Artes; Comunicação e uso de Mídias; Cultura Digital; Participação Estudantil e Leitura e Letramento). A ação prevê que as instituições de EM integrem a Proposta a partir do recebimento de auxílios técnico e financeiro provindos de um programa intitulado “Programa Dinheiro Direto na Escola”³ (PDDE) (BRASIL, 1995).

No caso do Estado do Rio Grande do Sul (RS), foi implementada, a partir destas discussões de nível Federal, a “Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio”, desde o ano de 2011. Nesse sentido, a Secretaria da Educação do Estado do RS e o Governo do Estado, implementam as Escolas Estaduais, o *Ensino Médio Politécnico*, estruturado, inovado e diferenciado, por se tratar de um conjunto de saberes que envolvem o processo de formação do estudante do EM, através da aproximação com as áreas da cultura, ciência, tecnologia e trabalho.

Estes eixos, que estão imersos no conceito de *Politecnia*, consolidam a construção da ideia do preparo do estudante a fim de ser capaz de ingressar no mercado de trabalho com conhecimentos técnicos adquiridos, ainda, no EM.

¹ Disponível em: <http://pactoensinomedio.mec.gov.br/>.

² Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ensino-medio-inovador/apresentacao>.

³ Disponível em: <http://www.fn.de.gov.br/programas/dinheiro-direto-escola/dinheiro-direto-escola-apresentacao>.

Através das recentes transformações e inovações na Educação no Estado do RS, emerge uma demanda de conhecimentos e estudos mais específicos que necessitam ser abordados e considerados, em minha perspectiva, na Graduação em EFi, ao passo que o estudante de Graduação (futuro professor) ao ingressar nos primeiros Estágios de Docência do Curso, passa por um momento de aquisição de experiências provindas da realidade escolar. Visando compreender os desafios vividos pelos professores da Rede Pública na atualidade, compreendo que essas mudanças impactam, diretamente, na escola (pois os docentes são os sujeitos que, de certo modo, “traduzem” as Políticas Públicas em práticas pedagógicas), e, indiretamente, nos Cursos de Licenciatura das Universidades (pois estão formando docentes para atuar nas escolas que estão impactadas por tais políticas).

No Curso de EFi, tive a oportunidade de experienciar a prática docente em três escolas públicas estaduais por meio dos Estágios de Docência (na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no EM). Em cada uma dessas escolas, foi possível perceber a adequação/organização frente à adaptação quanto ao que incide de Legislações específicas, porém, sobretudo na escola em que desenvolvi o estágio do EM, foi possível me inteirar, e de certa forma, me inconformar, com algumas ações a partir dessas propostas de mudança. A necessidade de cumprir uma normatividade sobre o aspecto da avaliação dos estudantes, por exemplo, me impediu de avaliar, em meu entendimento, de forma justa e com coerência, sendo condicionado a atribuir o mesmo conceito à todos os alunos de uma turma de segundo ano do EM.

Outro cenário, que me possibilitou compreender a prática docente na Educação Física, foi por meio de minha participação como Bolsista de Iniciação Científica, a partir de julho de 2015, no interior do Grupo de Estudos Qualitativos Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte⁴ (F3P-EFICE) e, dessa forma, pude experienciar e ir constituindo-me pesquisador, a partir dos diálogos construídos com docentes de outra Instituição de ensino, diferente das que tive experiência nos Estágios de Docência. Nessa escola, realizei a pesquisa de campo para este Trabalho e pude obter outros entendimentos em relação ao processo de adaptação às novas políticas da Secretaria de Educação do Estado e como o processo foi materializado no cotidiano de trabalho dos docentes dessa escola.

A partir disso, foi possível perceber a necessidade do desenvolvimento de estudos que contribuam com a formação docente, e, neste caso, com a Formação Inicial em EFi, para

⁴ Disponível em: <http://www.ufrgs.br/f3p-efice/>.

atender as necessidades e os desafios reais das escolas. Nesse sentido que penso e desejo que os conhecimentos construídos neste Trabalho, possam ajudar os sujeitos que trabalham nas escolas (estagiários, docentes, trabalhadores, comunidade escolar em geral) a lidarem com as mudanças propostas na Educação. Objetivo uma possível contribuição pessoal e institucional sobre o que aprendi com esta Pesquisa, à quem possuir interesse pelo assunto, dedicação e preocupação com a Educação.

Encontrei motivação para realização deste Trabalho, a partir de uma experiência vivida quando fui Bolsista de Extensão no Projeto “Um Computador por Aluno” (UCA), no Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), durante o período de fevereiro de 2012 a dezembro de 2013. Nessa experiência, observei a existência de um formato investigativo na construção de conhecimentos, entre as Áreas de Conhecimento do Colégio, através da proposta de desenvolvimento de Projetos, que na escola em questão, eram desenvolvidos em quatro períodos, dois dias da semana. Nesses encontros, os professores orientavam grupos de estudantes que investigavam sobre determinado assunto de livre escolha, partindo de inquietações do próprio interesse dos estudantes. Esse formato de investigação era entendido, naquela escola, como “Iniciação Científica”, que possibilitava procurar soluções para problemas reais identificados pelos estudantes, através de pesquisa interdisciplinar.

Essa experiência é mencionada neste momento, por se tratar de uma metodologia aderida por docentes daquela escola, pois tanto os estudantes da Educação Infantil, quanto Ensino Fundamental (EF) e Médio, participavam, dessa forma, de construção de conhecimentos. A formulação de Projetos por meio de pesquisa – em que o estudante desenvolve seu próprio trabalho com orientação de docentes –, em meu entendimento, é o que aproxima a proposta do CAp com o tema deste Trabalho: os Seminários Integrados (SI) no EM Politécnico. O SI trata da organização, do planejamento, da realização e da avaliação de Projetos, a partir da participação coletiva, motivando os aspectos da cooperação, da solidariedade e da atuação do jovem como sujeito responsável por suas ações.

A partir disso, procuro compreender como acontece a interdisciplinaridade diante a inserção da Educação Física na Área das Linguagens a partir dos SI, procurando entender o que, de fato, os docentes de EFi ensinam na escola, de acordo com a Proposta, e, a partir do SI. O problema de pesquisa desse Trabalho ficou configurado na seguinte questão: **“Como a Educação Física no Ensino Médio Politécnico do Estado do Rio Grande do Sul está sendo desenvolvida nas Áreas das Linguagens nas Escolas Estaduais e de que maneira é contemplada nos Seminários Integrados a partir da interdisciplinaridade?”**. A Proposta

do EM Politécnico e o entendimento do SI serão desenvolvidos nas próximas sessões deste Trabalho.

Para finalizar essa Introdução, e, considerando relevante à Formação Inicial de Professores de Educação Física para a futura carreira docente, em meio às reflexões acerca dos temas estudados, procuro compreender os principais desafios e estratégias encontrados pelos docentes de EFi na materialização dessa nova Proposta e o processo de adequação frente às mudanças na Legislação, no que diz respeito às Políticas Públicas implementadas na Educação do Estado do RS.

Este Trabalho está estruturado em cinco partes que serão apresentadas de maneira a convidar o leitor a inteirar-se sobre os desafios e as realidades vividas por docentes em escolas públicas de EM, bem como possíveis demandas da formação de professores a respeito da inserção no contexto das Escolas Reais⁵.

A primeira parte trata da Introdução e aproximação ao problema de pesquisa. A segunda parte aborda uma revisão de literatura na qual procurei compreender as propostas das Políticas Públicas que tangem a Educação na Educação Básica, concentrando o foco no EM e nas recentes transformações ocorridas nas escolas da Rede Estadual do RS. Tomando como base a “Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio” (RIO GRANDE DO SUL, 2011), identifiquei suas características e procurei compreender seus propósitos. O caminho pelo qual percorri para o desenvolvimento deste Trabalho, está descrito na terceira parte, através da apresentação dos procedimentos metodológicos utilizados e os conhecimentos que a Pesquisa Qualitativa oferece para compreensão de uma realidade social. Na quarta parte, apresento os achados do campo e as informações relevantes que possam contribuir com as reflexões transitórias, de acordo com o problema de pesquisa deste Trabalho. Por fim, finalizo com as considerações finais da pesquisa, as referências utilizadas, os apêndices e os anexos.

⁵ Escolas públicas com suas limitações e dificuldades.

1. REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, apresento a revisão de literatura que permitiu orientar as reflexões e ampliar o conhecimento sobre o tema desta Pesquisa, tomando como base a LDBEN de 1996 (BRASIL, 1996), a “Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio” (RIO GRANDE DO SUL, 2011) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 2000).

Realizei, no início desse Trabalho, uma pesquisa no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no Sistema Automático de Bibliotecas (SABI) da UFRGS, para identificar possíveis trabalhos já desenvolvidos com essa temática, a partir dos seguintes descritores: “Ensino Médio Politécnico”, “Educação Física e Ensino Médio Politécnico” e “Educação Física e Seminários Integrados”. Dos trabalhos encontrados: nenhum deles estava relacionado diretamente ao tema deste TCC: Educação Física e Seminários Integrados; nenhum trabalho foi encontrado sobre a temática da Educação Física e Ensino Médio Politécnico; e encontrei uma Dissertação de Mestrado sobre a implementação do Ensino Médio Politécnico no Rio Grande do Sul e a pesquisa na escola, no entanto, não associada com EFi.

A partir da identificação da baixa quantidade de trabalhos encontrados sobre as temáticas desse TCC, percebi a necessidade de fazer essa pesquisa e tive acrescida minha motivação para desenvolver algum estudo relacionado à temática do SI e a EFi.

1.1 LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL: A EDUCAÇÃO COMO DIREITO

Para compreender o contexto das Legislações que orientam a Educação no País, recorro à LDBEN (BRASIL, 1996), com o intuito de contextualizar a Educação como direito sob os marcos legais da Constituição Federal. Para tanto se faz necessária uma sequência de informações dos capítulos da referida Lei.

O título III refere-se ao direito à Educação e ao dever de educar que o Estado tem com a educação escolar pública. Para tanto, é cumprido, a partir da garantia de alguns elementos: a progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade do ensino; o acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, de acordo com a capacidade de cada indivíduo; a oferta de ensino noturno regular adequado às condições do educando; padrões mínimos de qualidade de ensino definidos como a variedade e quantidade mínimas, por aluno,

de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem (BRASIL, 1996).

Sobre os aspectos administrativos, o Poder Público deve assegurar como prioridade o acesso ao ensino obrigatório, contemplando, em seguida, os demais níveis e modalidades de ensino, conforme as prioridades constitucionais e legais.

O ensino obrigatório é previsto pela Lei e caso haja negligência, pode ser considerado crime de responsabilidade das autoridades que competem essa função. Assim, é possível perceber que existe o comprometimento por parte do Governo, no que diz respeito à oferta de ensino. A garantia do cumprimento dessa obrigatoriedade é do Poder Público, que deve construir formas alternativas de acesso aos níveis de ensino, independentemente da escolarização anterior.

1.2 EDUCAÇÃO BÁSICA: ENSINO MÉDIO

A seção IV da LDBEN (BRASIL, 1996), aborda a legislação para o EM, que está classificado como etapa final da Educação Básica e tem sua duração mínima prevista de três anos e suas finalidades são descritas a seguir:

I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

O currículo do EM está sustentado por algumas diretrizes no artigo 36º, que, segundo essa Lei, assegura que devem ser observados, como princípios, a educação tecnológica, o entendimento da ciência, das letras e das artes, o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura, a língua portuguesa como instrumento de comunicação, o acesso ao conhecimento e a exercício da cidadania. Do mesmo modo, estão previstas metodologias de ensino e de avaliações que estimulem a iniciativa dos estudantes, que contemplem as esferas dos princípios científicos e tecnológicos contemporâneos e os conhecimentos modernos das linguagens.

A preparação para atuação em profissões técnicas faz parte do espectro de intencionalidades deste nível de ensino, bem como a preparação para o trabalho e a

habilitação profissional, que pode ser de escolha do estudante. Essa formação profissional pode estar aliada à escola ou em ambientes específicos de tal preparação.

Compreendendo o comprometimento que esse Documento oferece à população brasileira, preocupo-me com a qualidade do ensino mediante aos inúmeros desprendimentos observados a partir de experiências no estágio docente e na minha trajetória escolar. No entanto, as inovações apresentadas na Legislação causam certa expectativa que visa melhoria na qualidade da formação dos sujeitos que fazem parte desses espaços.

1.3 PROPOSTA PEDAGÓGICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

O referencial político-pedagógico para o EM na Rede Estadual de Ensino do RS, intitulado “Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio (2011-2014)” (RIO GRANDE DO SUL, 2011), implementada a partir do ano letivo de 2011, permitiu às instituições públicas estaduais uma nova alternativa para a reformulação dos currículos para o EM.

Uma dessas alternativas, trata de objetivar um ensino que consolide os saberes da vida escolar com respectivos aprofundamentos teóricos e práticos, visando medidas que possibilitem a inserção no mercado de trabalho com qualificação e criticidade. Segundo Ferreira (2013), tal proposição de alternativas de reestruturação curricular no EM, é fruto de diálogos acadêmicos na sociedade civil e órgãos institucionais e governamentais, como o Conselho Nacional de Educação (CNE) e Ministério da Educação (MEC) e que, somados a esses debates, sugerem uma insatisfatória distribuição da carga horária (CH) diária da Educação Básica.

Uma novidade que se destaca na Proposta Pedagógica do Estado do RS é a organização dessa etapa da Educação Básica sustentada pelo conceito de Politecnia, que se refere aos saberes científicos e suas técnicas que configuram o processo de trabalho produtivo na contemporaneidade. Assim, ocorre uma nova organização dos Componentes Curriculares, neste momento, organizados por Áreas de Conhecimento⁶.

Um dos espaços de trabalho e materialização dessa Proposta e foco de estudo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), trata dos SI que preveem a elaboração de pesquisas em que os estudantes devem criar e apresentar trabalhos a partir de temáticas específicas. Os SI visam à organização do planejamento, a realização e a avaliação de Projetos, a partir da

⁶ A Educação Física se insere na Área de Linguagens e Suas Tecnologias, juntamente com os Componentes de Língua Portuguesa, Literatura, Artes e Língua Estrangeira Moderna.

participação coletiva, motivando os aspectos da cooperação, da solidariedade e da atuação do jovem como sujeito responsável por suas ações.

A Proposta do EM Politécnico vem se constituindo uma das ações de transformação no cenário da Educação no país, porém, como toda nova Política, não está livre de dificuldades e de percalços, e, deve ser compreendida de maneira a ampliar as possibilidades de melhorias no processo ensino-aprendizagem.

A organização curricular da Proposta Pedagógica conta com dois eixos que desenham a estrutura das CH: a (i) formação geral e a (ii) parte diversificada, que não são fixas, ou seja, podem ser ajustadas, dependendo da composição e da organização da CH nas Áreas de Conhecimento no currículo do EM.

Na expectativa de promover a interdisciplinaridade e a contextualização no interior do currículo, a formação geral trata da tentativa de união entre as áreas de modo que os conhecimentos universais sejam relacionados às tecnologias, para uma possível relação com o mundo do trabalho. A parte diversificada é compreendida pela articulação das áreas do conhecimento, tomando como base as relações empíricas relacionadas ao mundo do trabalho, ampliando a atenção dos estudantes para às possibilidades de, sequencialmente, construir conhecimentos que os preparem para a educação profissional. Esses dois eixos se conectam através da composição dos SI, em que serão organizados pela comunicação entre as Áreas de Conhecimento e os seguintes eixos transversais: Acompanhamento Pedagógico, Meio Ambiente, Esporte e Lazer, Direitos Humanos, Cultura e Artes, Cultura Digital, Prevenção e Promoção da Saúde, Comunicação e Uso de Mídias, Investigação no Campo das Ciências da Natureza e Educação Econômica e Áreas da Produção.

A partir disso, há uma pretensão do currículo, em que os três anos do EM sejam compostos por uma CH de 3000 horas, organizadas de acordo com a Tabela 1, apresentada a seguir. Atualmente, a CH prevista é de 2400 horas, e, a Proposta sugere um aumento de 600 horas por meio da realização de estágios, empregos, dentre outras atividades. No entanto, o conteúdo deve compor os projetos desenvolvidos nos SI e inseridos ao currículo do curso.

	1° Ano	2° Ano	3° Ano	Total
Formação Geral	750	500	250	1500
Parte Diversificada	250	500	250	1500
TOTAL	1000	1000	1000	3000

Tabela 2: Distribuição em horas de carga horária por eixo de temática.

Fonte: Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio (RIO GRANDE DO SUL, 2011).

Na escola em que realizei o trabalho de campo desta Pesquisa, atualmente, os SI estão sendo desenvolvidos em cada uma das 11 turmas de EM, em dois períodos por semana. Cada período tem 48 minutos, assim, é dedicado para o SI, 1h 36min por semana, resultando em, aproximadamente, 6,4 horas por mês de organizações de Projetos e pesquisas diversas.

1.4. EDUCAÇÃO FÍSICA NA ÁREA DAS LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

Atualmente, quando se fala sobre o EM, não são raras as discussões e as reflexões sobre a justificativa da inserção da EFi na Área das Linguagens, bem como os argumentos utilizados para tais.

Na Formação Inicial em EFi, fui inserido no contexto dessas discussões através da realização de duas disciplinas do currículo desse Curso (Fundamentos da Educação Física no Ensino Médio e Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Médio). Somente a partir do sexto semestre do Curso é que pude, por meio dessas disciplinas, dialogar com colegas da graduação e professores sobre alguns dos fragmentos da Legislação que caracterizam essa “novidade”.

Através de Documentos referentes à educação nacional (LDEBEN e Parâmetros Curriculares Nacionais), são encontradas considerações que configuram a EFi, atualmente, integrando a área das Linguagens e Códigos, juntamente com Artes, Literatura, Língua Portuguesa e Língua Estrangeira Moderna. A análise desses Documentos, me permitiu perceber algumas justificativas que caracterizam a EFi por meio da linguagem corporal, que é um dos eixos que sustentam essa inserção, porém, o conhecimento específico da EFi, assim como o Teatro e a Dança, não se limita ao estudo das formas de se expressar e se comunicar corporalmente. A linguagem corporal é apenas um dos temas que a EFi compartilha com os demais Componentes Curriculares da Área das Linguagens e Códigos, mas não pode ser entendida como o elemento fundamental de estudo deste Componente específico. As diversas formas de ação e de interação no mundo e com os processos de produção de sentidos, podem ser uma possível abordagem do conceito de linguagens, logo, a EFi está nesse espectro de possibilidades.

Ainda, é presente o diálogo da inserção da EFi nessa Área de conhecimento, pois é possível pensar que as quatro Áreas (Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias) ainda estão se constituindo a partir da composição dos Componentes Curriculares, tendo em

vista a fragmentação disciplinar nas escolas. Esse é um fato que desprende conflitos, pois, ainda trata de um desafio o trabalho interdisciplinar no contexto da escola tradicional.

Logo, a seleção do que ensinar na Educação Física escolar, é um processo de eleição de conteúdos que demanda um estudo prévio, pois há intencionalidades pedagógicas envolvidas e, além de objetivos a serem contemplados, que estão relacionados com o PPP da instituição escolar.

Considero oportuno mencionar sobre a possibilidade dos estudantes experimentarem, conhecerem e apreciarem diferentes práticas corporais sistematizadas, compreendendo-as como produções culturais dinâmicas, diversificadas e contraditórias e, dessa forma, construir novos conhecimentos que permeiam essa classificação.

1.5 EDUCAÇÃO FÍSICA E INTERDISCIPLINARIDADE

Na Educação Básica, os estudantes estão imersos em um universo de possibilidades de perceber/interpretar o mundo, e, através de uma nova perspectiva, pode ser possível compreender o conhecimento/os conteúdos de estudo com maior teor de reflexão. Por exemplo, na realidade que vivemos, o que vemos, tocamos, sentimos, quando tratado na escola, é, de certo modo, explicado, considerado, questionado pelos Componentes Curriculares. Assim, um problema da realidade vivida pelos estudantes, exemplificando, “como é fabricado um helicóptero?”, pode ser compreendido pelo Componente de Física. Entretanto, essa compreensão não pode acontecer de modo isolado, pois, juntamente com alguns fenômenos físicos, a Química também está presente. E, assim, para continuarmos a compreensão do fenômeno, talvez seja necessário recorrer à Matemática dos cálculos de suas reações. Mas, como aprender essas disciplinas sem mencionar os textos que as explicam através de uma Língua? As diversas percepções e interpretações dos sujeitos se manifestam na educação, pois percebo as relações entre os saberes como blocos que se encaixam para formar um conjunto de ideias. No processo de ensino-aprendizagem existe um importante método ou ação pedagógica que propicia a articulação dos saberes de diferentes esferas do conhecimento: a interdisciplinaridade.

A Proposta para o EM Politécnico analisada nesta Pesquisa, destaca que o tratamento disciplinar do conhecimento tem se mostrado insuficiente, quando proposto isoladamente. Dessa forma, torna-se relevante o reconhecimento de uma forma alternativa de entender uma realidade através do ponto de vista de outras disciplinas. A interdisciplinaridade é, de certa forma, uma preocupação recorrente nas discussões sobre escola, educação, processo ensino

aprendizagem, e, em meu entendimento, uma possibilidade de pensar sobre a Educação na contemporaneidade.

A interdisciplinaridade ocorre quando se faz presente uma propensão ao reconhecimento e reflexão, bem como uma sistematização, por meio de influências de distintas Áreas ou Componentes Curriculares. Por meio da Proposta para o EM Politécnico, é possível relacionar que, ao se falar em interdisciplinaridade, estamos recorrendo a um problema a ser resolvido:

A compreensão que os problemas não são resolvidos apenas à luz de uma única disciplina ou área do saber desmistifica a ideia, ainda predominante, da supremacia de uma área de conhecimento sobre outra.

O pressuposto básico da interdisciplinaridade se origina no diálogo das disciplinas, no qual a comunicação é instrumento de interação com o objetivo de desvelar a realidade.

A interdisciplinaridade é um processo e, como tal, exige uma atitude que evidencie interesse por conhecer, compromisso com o aluno e ousadia para tentar o novo em técnicas e procedimentos (RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 19).

Neste sentido, percebo que deve existir extrema relação do exercício da docência com as demandas da Educação Básica, pois inserido ao contexto de uma problematização, estão as maneiras de entendê-las. A relação entre os Componentes Curriculares pode ser evidenciada por meio de momentos únicos, em que, por exemplo, as temáticas são tratadas de diversas formas e em diferentes espaços. Nesta Pesquisa, venho compreendendo que o SI tem se configurado um desses espaços, que tratarei a seguir.

1.6 EDUCAÇÃO FÍSICA NO SEMINÁRIO INTEGRADO

A estrutura da Proposta para o EM Politécnico está sustentada por meio de quatro Áreas de Conhecimento (Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias). Dentro dessas Áreas, a integração dos saberes pode ocorrer em um espaço de desenvolvimento no qual docentes e discentes recorrem a um planejamento como forma de organizar Projetos para que aconteça um desenvolvimento da complexibilidade dos conhecimentos, no decorrer dos anos do EM. E um espaço para que isso ocorra, trata do SI.

De acordo com a Proposta, os SI podem ocorrer a partir de alguns “Eixos Temáticos Transversais para a Parte Diversificada”, por exemplo, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, dentre outros.

As atividades do SI incentivam a cooperação, a solidariedade e o protagonismo do jovem, através de práticas pedagógicas organizadas, planejadas, realizadas e avaliadas de acordo com o PPP da escola. Assim:

A realização dos Seminários Integrados constará na carga horária da parte diversificada, proporcionalmente distribuída do primeiro ao terceiro ano, constituindo-se em espaços de comunicação, socialização, planejamento e avaliação das vivências e práticas do curso. Na organização e realização dos Seminários Integrados, a equipe diretiva como um todo e, especificamente, os serviços de supervisão e orientação educacional, têm a responsabilidade de coordenação geral dos trabalhos, garantindo a estrutura para o seu funcionamento (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 23).

De acordo com a Proposta, os SI podem ser desenvolvidos por diferentes docentes da escola, que devem acompanhar o desenvolvimento dos Projetos. O desenvolvimento de Projetos que se traduzirem por práticas, visitas, estágios e vivências, poderão, do mesmo modo, ocorrer fora do espaço escolar e fora do turno que o aluno frequenta na escola. Os Projetos serão elaborados a partir de pesquisa que explicita uma necessidade e/ou uma situação problema, dentro dos eixos temáticos transversais. Assim:

Na perspectiva de garantir a interdisciplinaridade, a distribuição da carga horária da formação geral (base comum nacional), na proporção que lhe cabe em cada ano do curso, contemplará equitativamente, os componentes curriculares das áreas do conhecimento (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 24).

Identifico esse formato investigativo – a Pesquisa –, como fonte de construção de autonomia e aprendizados significativos aos estudantes, pois promove uma prática na qual o caminho é definido e seguido pelo próprio estudante. Em minha experiência no CAP, anteriormente mencionada, descobri uma nova possibilidade de fazer Educação, em que a partir de indagações e dúvidas dos estudantes, os trabalhos de investigações possuíam uma característica de proximidade aos seus interesses e, dessa forma, estuda-se algo que agrega satisfação. As reuniões com os professores orientadores, naquele contexto, serviam para que o próprio estudante identificasse elementos relevantes e produzisse conhecimentos para a descoberta de uma resposta ao seu questionamento.

As aprendizagens que compreendo mais significativas, ou, que se consolidam de maneira mais importante, são oriundas de interesses pessoais e emocionais. A partir disso, destaco a afirmação de que a curiosidade é o ponto de partida da ciência e da produção de conhecimento.

Do mesmo modo que os estudantes do CAp descobriam “como se fabrica um helicóptero”, “por que o céu é azul”, “como os computadores funcionam”, entre outros problemas de pesquisa que motivaram o desenvolvimento de suas Pesquisas; os SI possuem características semelhantes a este formato. Assim, relaciono os SI como um espaço ou tempo de possibilidades de construção de Pesquisas, uma vez que ambas as experiências aproximam-se por garantirem: 1) um espaço de produção de conhecimento a partir da pesquisa; 2) trabalharem com os interesses dos estudantes em atividades em grupos; e 3) favorecerem a descoberta e a resolução de problemas.

A Proposta para o EM Politécnico deixa claro que o SI deve garantir a interdisciplinaridade no interior da escola. Como o SI vem acontecendo na escola pesquisada, seus desafios e suas possibilidades, são elementos que tratarei em uma das categorias construídas neste Trabalho.

2. METODOLOGIA

O caminho percorrido para o desenvolvimento desse Trabalho foi através de um Estudo de Caso, que possui características de envolvimento direto com o foco do estudo e permite ao pesquisador estar inserido no contexto ao qual investiga. É possível, por meio do Estudo de Caso, compreender os conhecimentos sobre o problema de pesquisa, através da perspectiva dos sujeitos estudados (nesse caso, docentes de EFi). Dessa forma, a interação com a cultura investigada possibilita um olhar mais aprofundado e detalhado sobre o que se investiga.

A abordagem qualitativa orienta que a realidade é construída pelos sujeitos, não sendo um mero dado objetivo revelado desta realidade. A partir disso, pressuponho que ao tratar de seres humanos, com suas histórias, sentimentos e anseios, devo considerar uma decisão metodológica que contempla tais características.

2.1 OBJETIVOS E PROBLEMA DE PESQUISA

Tendo em vista as transformações ocorridas nas Políticas Públicas para a Educação nos últimos anos, especialmente as propostas pelo Governo do Estado do RS, o objetivo geral deste Trabalho trata de: **Compreender como a Educação Física no Ensino Médio Politécnico do Estado do Rio Grande do Sul está sendo desenvolvida em Escolas Estaduais e de que maneira é contemplada nos Seminários Integrados.**

Para dar conta desse objetivo geral, foram construídos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar quais saberes/conhecimentos da Cultura Corporal de Movimento estão sendo trabalhados nas aulas do Seminário Integrado no Ensino Médio Politécnico.
- Compreender como a Educação Física no Ensino Médio Politécnico do Estado do Rio Grande do Sul está sendo desenvolvida nas Áreas das Linguagens nas Escolas Estaduais.
- Compreender de que maneira a Educação Física é contemplada nos Seminários Integrados a partir da interdisciplinaridade.
- Compreender quais conhecimentos podem contribuir com a formação de professores de Educação Física, que reflitam adequações às Políticas Públicas para a Educação no Ensino Médio.

Como já citado em outros momentos desse Trabalho, retomo, neste momento, o problema de pesquisa, que ficou configurado na seguinte questão: **Como a Educação Física no Ensino Médio Politécnico do Estado do Rio Grande do Sul está sendo desenvolvida nas Áreas das Linguagens nas Escolas Estaduais e de que maneira é contemplada nos Seminários Integrados a partir da interdisciplinaridade?**

2.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA: ESTUDO DE CASO

O presente TCC é fruto de uma investigação à qual foi desempenhada a tarefa de obter informações relevantes para compreensão das mudanças no contexto das escolas estaduais no RS, quanto às Políticas Públicas e as estratégias utilizadas pelos docentes de Educação Física em uma escola localizada na cidade de Porto Alegre, para atender as demandas desse novo cenário.

Ao mencionar um estudo voltado à área da Educação, é necessário que se faça presente a reflexão de que se considere um contexto que trata de fenômenos sociais, envolvendo pessoas. Docentes e discentes são sujeitos que possuem individualidades que devem ser consideradas no processo de ensino-aprendizagem, e, para melhor compreensão no contexto escolhido (a escola), foram utilizados procedimentos de estudo alinhados à Pesquisa Qualitativa, que possui um caráter investigativo quanto aos aspectos não mensuráveis oriundos das particularidades dos sujeitos, os quais não podem ser compreendidos dissociados da realidade que vivem.

Nesta Pesquisa, optei pelo Estudo de Caso como formato metodológico, pois se alinha com as características de uma investigação em que se trata de compreender uma realidade composta por sujeitos que interagem em um espaço determinado, formando e constituindo uma cultura própria. Entendo que essa opção não trata apenas de uma escolha metodológica, mas sim, uma forma de como compreender determinada realidade. Assim, me aproprio dessa escolha enquanto parâmetro metodológico, pois conforme a literatura na qual me debruço (MOLINA, 2010; TRIVIÑOS, 2001), esta forma de fazer pesquisa, é, ainda, um modo de investigação de pouca utilização no âmbito escolar, e, menos ainda, na EFi: “A grande vantagem de um estudo de caso qualitativo é o fato de esse conectar-se rapidamente com a realidade, ou seja, possibilitar mais a interação teórico-prática e, por isso, afastar mais os riscos de simplificações” (MOLINA, 2010, p. 105).

Nessa Pesquisa, se mostrou uma metodologia importante, porque, a partir da realização do Estudo de Caso, compreendi que alguns aspectos sobre a interpretação, a

compreensão e a tradução da Proposta, não é igual para os diferentes sujeitos pesquisados. Portanto, o entendimento dessas diversas interpretações, na escola investigada, trata de uma forma de organização própria da escola e realizada, segundo o entendimento que os docentes possuem sobre o tema, no caso desta Pesquisa, da Proposta do EM Politécnico. Penso que esses elementos, dizem respeito ao que seja estudar uma realidade de forma aprofundada, desprezando a possibilidade de generalização das informações, pois trata de um caso específico, daquele contexto e a partir daqueles sujeitos.

A escola na qual realizei esse Trabalho, além de ser o local de atuação dos docentes entrevistados, é, também, um dos locais de Estágio Docente dos estagiários do EF, estudantes do Curso de Licenciatura em EFi da UFRGS. A escola é uma instituição de grande porte, com um número elevado de sujeitos participantes da comunidade escolar. Nesse contexto, compreendo a importância de investigar sobre essa realidade que traduz um espectro de culturas que compõem outra, ou seja, na escola há distintas culturas (das diversas pessoas desse contexto) que configuram a cultura escolar.

No parágrafo seguinte, apresento a escola/caso pesquisado, que desde minha inserção no campo como Bolsista de Iniciação Científica, venho acompanhando os docentes de EFi e o cotidiano desse contexto.

2.2.1 DESCRIÇÃO DA ESCOLA

O Instituto Estadual de Educação Central⁷ localiza-se no bairro Piatã, na cidade de Porto Alegre/RS e, de acordo com o website Wikipédia, foi construído em 1955, em um local no qual existira um cemitério indígena. Atualmente, a escola possui mais de 1000 alunos, que são distribuídos entre o EF e o EM. A direção da escola está, atualmente, a cargo do professor de Língua Portuguesa, Silvio, que assumiu no lugar da ex-professora Mila, que estava em exercício na função desde o ano de 2002. A Vice Direção está sob a responsabilidade da professora de EFi da instituição, Sara, que assumiu a função em 2015. Destaco que a professora Sara, foi umas das colaboradoras desta Pesquisa.

A Instituição conta com refeitório, aberto diariamente entre os turnos manhã e tarde, biblioteca própria e salas de ciência e de informática. O sistema de avaliação da escola baseia-se em menções por letras no EM, que são Construção Restrita de Aprendizagem

⁷ O nome da escola, bem como o dos sujeitos entrevistados para esta Pesquisa e demais informações sobre estes, foram alterados para manter o anonimato.

(CRA), Construção Parcial de Aprendizagem (CPA) e Construção Satisfatória de Aprendizagem (CSA).

Como as demais escolas estaduais de EM do RS, aderiu ao EM Politécnico, sistema no qual possibilita ao estudante, uma formação sustentada no conceito da Politecnia. No contexto das transformações propostas pelo Governo Federal e pelo Governo do Estado do RS, a EFi, nesta escola, até o ano de 2015, contava com três docentes de EFi, estudantes estagiários (do EF) do Curso de Licenciatura em EFi da UFRGS e estudantes da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) integrantes do Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência (PIBID), que desenvolviam suas atividades em turmas do EM.

O ano de 2016 iniciou com quatro docentes de EFi responsáveis pelas aulas do EM, pois a docente Bárbara, que lecionava em 2015 apenas para o EF, passa, também, a atuar no EM, ampliando o quadro de professores deste nível de ensino. Do mesmo modo, ocorre mudança na participação do PIBID, pois o Programa deixa de contemplar a escola no início do ano letivo de 2016, retirando a participação dos acadêmicos que lá atuavam, com exceção de um, Kauã, que até o momento de conclusão dessa Pesquisa, atuava como estagiário de EFi da PUC.

No ano de 2015, as aulas de EFi no EM eram ministradas pela professora Sílvia na parte da manhã, com quatro turmas e pelo professor Emanuel à tarde, também com quatro turmas. A docente Sílvia, além de trabalhar com o Componente Curricular de EFi, estava responsável pelas atividades do SI, com duas turmas de terceiro ano do EM. Outra docente de SI, a professora Sara, que integra a Vice-Direção da escola, no ano de 2016, entra em Licença Maternidade. A tabela a seguir, apresenta a esquematização da CH dos docentes de EFi na escola:

	Emanuel		Sílvia		Bárbara	Sara
	2015	2016	2015	2016	2016	2015
CH	20h	20h	20h	20h	40h	40h
Turnos	Tarde	Tarde	Manhã	Manhã	Manhã e Tarde	Manhã e Tarde
Anos do EM e quantidade de turmas	1º ano – 2* 2º ano – 1 3º ano – 1	1º - 2 2º - 0 3º - 0 EF - 4	1º ano – 1 2º ano – 1 3º ano – 2	1º ano – 3 2º ano – 2 3º ano – 1	1º - 0 2º - 2 3º - 1 EF - 3	

Tabela 3: Carga horária dos docentes de Educação Física em 2015 e 2016.

Fonte: Diário de Campo da Pesquisa.

* Quantidades de turmas trabalhadas pelo docente, no referido ano do Ensino Médio.

As aulas de SI, atualmente, ocorrem em dois períodos por semana em cada turma de EM e estão sob a responsabilidade de quatro docentes: uma do Componente Curricular de Sociologia, uma de Língua Portuguesa, uma de Química e outra de Ética.

2.2.2 NEGOCIAÇÃO DE ACESSO E DE PERMANÊNCIA AO CAMPO

A fase de aproximação ao campo de pesquisa se deu a partir do acesso à escola, na qual, como Bolsista de Iniciação Científica, deste agosto de 2015, centrei esforços para obter as informações destinadas ao Projeto de Pesquisa do Grupo que faço parte, que investiga a EFi no EM Politécnico, a partir da perspectiva dos docentes de EFi da escola.

Fui apresentado ao Diretor e aos docentes de EFi da escola pelo Líder do Grupo F3P-EFICE, em visita realizada no dia 13 de agosto de 2015, com mais duas docentes da ESEFID, que, também, integram o Grupo, e outra colega de Graduação que ingressava como Bolsista de Iniciação Científica, no mesmo período que eu. Nesta visita, conheci os espaços da escola, conversamos com o Diretor e tive as primeiras impressões do campo de pesquisa, conforme um breve trecho do Diário de Campo referente a este primeiro dia:

Fomos também apresentados ao professor Silvio (Diretor da escola), que naquele momento cuidava o portão da escola. Em conversa com o Diretor, ele esclareceu algumas questões da escola, falou que o Ensino Médio Politécnico está quase extinto, especialmente em relação ao nome “politécnico”, pois a Proposta continua acontecendo nas escolas estaduais. O Diretor comentou que, em sua perspectiva, essa nova reestruturação curricular ajudou a diminuir a evasão dos jovens, pois de um modo ou de outro “o aluno está na escola”. Também comentou que antes, esse aluno já reprovava no primeiro trimestre e já abandonava a escola, e agora, ele tem permanecido durante o ano letivo. Segundo ele, na escola há em torno de 80 pessoas trabalhando (professores e demais trabalhadores) (Diário de Campo, 13/08/15).

Posteriormente, me organizei, junto com a professora Lisandra, para darmos início às atividades sistemáticas de pesquisa e de observação nesta escola.

Já nas próximas idas ao campo, conversamos com a Coordenadora Pedagógica que se colocou à disposição para possíveis explicações e orientações, e nos mostrou o PPP da escola, que fizemos uma cópia para analisarmos, juntamente com alguns materiais que se referiam ao entendimento da Proposta do Estado para o EM Politécnico.

Minhas primeiras impressões sobre a escola em relação ao EM Politécnico, me fizeram perceber que os docentes e a escola ainda estavam em processo de apropriação da nova Proposta, inclusive, mencionar que, na instituição, existe uma organização própria,

possuindo, assim, uma forma de estrutura única, conforme outro trecho do Diário de Campo, do dia 15 de setembro de 2015.

Ao chegar na sala da professora Sara, fomos bem recebidos, com bastante atenção e simpatia. A professora Sara falou sobre o Politécnico na escola e relatou alguns tópicos como os seguintes: Na escola Central, o EM Politécnico é diferente e possui uma estrutura própria (mantendo-se na Proposta do Governo) (Diário de Campo, 15/09/15).

A fala da professora, ao dizer que o EM Politécnico “possui uma estrutura própria”, pode ser compreendida a partir das iniciativas e das estratégias utilizadas pela escola e docentes, para “adaptação” à Proposta, ou seja, a comunidade escolar passa a interpretar a Proposta e fazer adequações desta para o contexto da escola real.

O contato com o corpo docente foi sendo estabelecido com apresentações pessoais e diálogos durante o trabalho de campo, e as relações encontram-se, atualmente, em uma fase de maior proximidade, visto que, quase dois semestres de convivência com os professores de EFi daquela instituição, aumentam-se as proximidades nessas relações. Conforme fomos acompanhando a rotina dos docentes, íamos conversando e conhecendo ainda mais os espaços e as pessoas da escola, chegando, inclusive, ao convite de acesso a Sala dos Professores da escola.

Em determinado momento da Pesquisa, acompanhando as aulas de SI ministradas pela professora Sílvia, conheci o Laboratório de Informática da escola. Nele, trabalha a professora Helena, que auxilia os docentes e estudantes na utilização e na manutenção daquele espaço. Essa docente trabalha na escola há aproximadamente 25 anos e possui grande experiência com a utilização das tecnologias como ferramenta de construção de conhecimentos. Além disso, ela acompanha com um olhar crítico, as transformações na legislação da Educação no Estado, e, por meio de uma conversa informal, ela relatou seu ponto de vista sobre o EM Politécnico e a forma como percebia sua organização e realização. Ao comentar com a professora Lisandra sobre essa conversa, identificamos/percebemos/discutimos sobre um desejo de entrevistá-la, a fim de obtermos outro ponto de vista sobre o assunto da pesquisa, embora esta não seja docente de EFi. Dessa forma, fomos nos organizando e combinando com a professora Helena uma entrevista, a qual foi realizada no dia 16 de dezembro de 2015. Além de outro ponto de vista, também identificamos que Helena, acompanhava “os bastidores”, a organização, a elaboração e a avaliação dos diversos Projetos do SI dos diferentes docentes, dentre eles, as docente Silvia (de EFi) e Sueli (de Física). Sobre o SI desenvolvido por Sueli, tratarei em uma das categorias de análise do Trabalho.

Em determinada fase da pesquisa, especialmente no retorno do ano letivo de 2016, percebi que desde o acesso ao campo (em agosto de 2015), vim construindo relações sociais com as pessoas da escola, e, dessa forma, compreendi que estava cada vez mais próximo das pessoas, de modo a aprofundar e manter uma relação de confiança e proximidade.

Durante a realização do trabalho de campo, me percebia em diversas reflexões sobre o processo de pesquisa em uma realidade específica. Uma dessas, no segundo semestre de observações, que narro a seguir, aconteceu quando eu estava indo à escola e antes de chegar, estava refletindo sobre o processo de imersão no campo e senti que faz sentido todo esse tempo dedicado ao trabalho de campo de pesquisa, pois me dei conta que, ao retomar o trabalho de campo no início de 2016, estava mais inserido naquele ambiente e nas próprias observações. Compreendi que, no retorno em 2016, os docentes e a equipe escolar já haviam me reconhecido como um integrante da escola, e, dessa forma, senti-me fazendo parte daquele grupo, pois já era conhecido e possuía certa liberdade ao conversar e abordar as pessoas, o que confere devida importância ao tempo dedicado à pesquisa, também, por meio do Estudo de Caso. Novamente utilizo o Diário de Campo para me referir a uma situação em que a reflexão se fez presente por meio da escrita neste procedimento para obtenção da informação na pesquisa:

No caminho para a escola, pensando a respeito do acesso ao campo e o contato com docentes e discentes, me dou conta de que a imersão no campo é um processo que demanda tempo e que as relações são construídas através da permanência. Me sinto mais a vontade nas observações que antes, com muita timidez, eu permanecia em constante tentativa de me ocultar e não ser percebido. No entanto, agora sinto que já estou me constituindo como pesquisador e que nem todo pesquisador é neutro ou permanece oculto (Diário de Campo, 30/03/16).

As relações com a comunidade escolar estão em pleno andamento, uma vez que, estou e pretendo permanecer imerso no campo de pesquisa, pois, intenciono, após a conclusão deste Trabalho, manter o vínculo com a Universidade, a partir do ingresso no curso de Bacharelado em Educação Física e, por conseguinte, dar continuidade as atividades de Bolsista de Iniciação Científica, desenvolvidas desde 2015.

Para dar prosseguimento ao Trabalho, apresento no próximo bloco, alguns dos procedimentos para obtenção das informações utilizados na pesquisa.

2.3 PROCEDIMENTOS PARA OBTENÇÃO DA INFORMAÇÃO

A construção de conhecimentos no âmbito da investigação de foco qualitativo, infere discussões e reflexões que partem de um conjunto de fatores associados a um contexto particular.

As informações obtidas nesse processo investigativo necessitam de uma organização específica em que a descrição e a análise, juntamente com a interpretação e a discussão, compõem o objeto/foco da pesquisa. Ou seja, para melhor compreensão e obtenção de resultados da pesquisa, faz-se necessária a organização das informações que foram obtidas a partir dos diversos procedimentos.

Ao passo em que a compreensão quantitativa traça dados mensuráveis e, a partir de modelos matemáticos, os descreve, analisa e discute para interpretá-los; o método qualitativo dispõe do manejo das informações do campo de pesquisa, descrevendo-os e analisando-os em um primeiro momento, com a finalidade de, em outro estágio da investigação, fazer uso da análise e da interpretação por meio de diálogo, lançando mão de novas/outras teorias.

Na escola, encontram-se fenômenos complexos e subjetivos envolvendo as atitudes e as formas de agir dos sujeitos e, desse modo, necessitam de um olhar diferenciado. Portanto, a elaboração e a utilização dos procedimentos para obtenção da informação, na Pesquisa Qualitativa, conta, também, com as possibilidades e a criatividade do pesquisador. Nessa situação, apresento, a seguir, os procedimentos utilizados nesse estudo.

2.3.1 ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

O processo de obtenção de informações na Pesquisa Qualitativa envolve algumas possibilidades, dentre elas, estão as entrevistas. Estas podem ser desenvolvidas através da intencionalidade e do conteúdo ao qual estarão compostas, ou seja, de acordo com a estrutura de uma entrevista, podem ser classificadas por meio de abordagens formais, menos formais ou informais (NEGRINE, 2010).

A variação na nomenclatura para definição de um tipo de entrevista varia de acordo com a autoria, no entanto, existem denominações que as classificam como estruturada, não estruturada e semiestruturada. Uma entrevista estruturada tem essa denominação, pois possui uma estrutura que não pode ser modificada, cabendo ao investigador manter a ordem de perguntas previamente estabelecida. Já, as entrevistas não estruturadas, são caracterizadas por possuírem um maior aprofundamento nas informações e são percorridas a partir de uma

investigação através de elementos não lineares. Finalmente, a semiestruturada, é o tipo de entrevista em que o entrevistador lança mão de um roteiro previamente estabelecido, no entanto, permite ao entrevistado discorrer sobre o assunto sem que haja limitação de informações, desfocando de um possível padrão de perguntas e respostas.

A entrevista que utilizei para realização desta Pesquisa se trata da semiestruturada. Por meio dela, entrevistei, juntamente com a orientadora Lisandra, três docentes de Educação Física da escola e uma docente que atua no Laboratório de Informática, com Formação Inicial na área de Pedagogia.

Para dar conta das informações a serem construídas no processo de investigação por meio de entrevistas, lancei mão de um roteiro, que foi elaborado através dos objetivos, do problema desta pesquisa, das observações realizadas durante o trabalho de campo e, do mesmo modo, das orientações da pesquisa do Grupo que integro (APÊNDICE A). A partir deste roteiro, tive autonomia de elaborar as perguntas que não necessariamente deveriam ser seguidas com rigor e, também, pude considerar as observações já realizadas no campo de pesquisa para poder conduzir uma estrutura de blocos de informações.

Para realização desta Pesquisa, os procedimentos éticos foram considerados. Os docentes foram convidados a participar do estudo e consentiram, com suas assinaturas, no “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (APÊNDICE B).

Após a realização das entrevistas, a fase seguinte foi composta pela transcrição destas, uma etapa fundamental para transformar o documento de áudio para texto escrito. Dessa forma, dediquei-me na transcrição de aproximadamente 6 (seis) horas de áudio, resultando em torno de 80 (oitenta) páginas escritas no formato Word, fonte 12, espaçamento simples entre as linhas. Após a transcrição das entrevistas, estas foram entregues aos entrevistados para validação das informações, deixando-os à vontade para inferir mudanças de acordo com a necessidade de acréscimo ou supressão de suas falas.

As entrevistas foram realizadas na escola, local de trabalho dos professores e de acordo com suas disponibilidades de horários, e, foram agendadas previamente. Para que fossem marcadas as datas e fazer a reserva dos espaços, foi necessário lembrar periodicamente os sujeitos entrevistados para que fossem organizando sua participação na pesquisa e reconhecendo a importância de dedicação de um tempo exclusivo para essa fase. Durante a escolha do local adequado para as entrevistas, foi solicitado aos entrevistados que escolhessem o espaço que se sentissem mais à vontade para sua realização.

2.3.2 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

As observações, enquanto procedimento para obtenção de informação em Pesquisa Qualitativa, são realizadas no campo de pesquisa e variam quanto à sua origem, pois dependem diretamente dos objetivos da pesquisa, bem como as estratégias e as situações do ambiente no qual o pesquisador se insere. Dessa forma, podem ser definidas nomenclaturas que as distinguem quanto à estratégia, papel do observador, quantidade de observadores e locais.

De acordo com o propósito deste Trabalho, lanço mão de um tipo de observação, na qual o observador, de certo modo, interage com o campo de pesquisa, porque ele não é uma pessoa neutra, tratando-se, assim, do observador participante. Nas idas a campo, me desloquei dentro da cidade por diversos meses, incluindo em meu cotidiano essas caminhadas para um lugar diferente, com o propósito de compreender um contexto novo e reconhecer elementos importantes para futuras reflexões. Informações significativas, segundo Negrine (2010, p. 70) podem ser obtidas por meio de observações mais profundas:

A recomendação que entendemos ter relevância diz respeito à “profundidade das observações”, ou seja, devem ser contínuas e sistemáticas e abandonadas quando o pesquisador estiver convencido de que já possui elementos suficientes para proceder a análise, interpretação e discussão do material recolhido (NEGRINE, 2010, p. 70) [grifo do autor].

Para dar conta das possibilidades de reflexões neste Trabalho, é necessário que existam informações suficientes para desenvolvimento da análise, da interpretação e da discussão desses achados. Dessa forma, foram destinados ao trabalho de campo aproximadamente 10 meses, e durante esse período, duas vezes por semana, observei as aulas de EFi dos docentes investigados, as aulas de SI, o cotidiano da escola, as reuniões pedagógicas e alguns espaços como horário de intervalo na Sala dos Professores, dentre outros. Conversei com estudantes, docentes de EFi, docentes de outros Componentes Curriculares, Diretor e Vice-Diretora da escola, Supervisora Pedagógica e, nessa instituição, permaneci como pesquisador, até esse momento, totalizando aproximadamente, 320 horas de observação participante.

Compreendendo a fase de inserção no campo como já estabelecida, recorro aos cuidados e as atenções necessárias para obter informações mais relevantes possíveis. No entanto, em outro procedimento adotado nessa pesquisa, utilizo o registro em sua total possibilidade, não reduzindo o nível de reflexões e de descrições. Nesse processo

observacional, é necessário o registro que servirá como material de relevância na pesquisa. Dessa forma, o procedimento metodológico ao qual devem estar pautados os registros, apresentam cuidados que configuram este como significativo. Uma consideração importante para manter a fidedignidade dos fatos observados, trata do entendimento de manter os aspectos descritivos da forma mais “crua” o possível, ou seja, manter a descrição fiel dos fatos, sem juízo de valor, ou, conceitos pré-estabelecidos.

2.3.3 DIÁRIO DE CAMPO

O professor pesquisador é o sujeito que investiga sua prática docente e por meio de alguma metodologia, configura seu estudo de acordo com um objetivo para alcançar um entendimento mais aprofundado de sua prática e dar conta dos problemas identificados nesta. Nessa perspectiva, considero o presente Trabalho inserido no universo da Pesquisa Qualitativa, e, assim, lanço mão de um procedimento que favorece o caráter investigativo reflexivo e interpretativo: o Diário de Campo. Consiste em uma fonte de registro que permite o acesso às informações do campo, através da escrita. Trata-se de um rico procedimento da Pesquisa Qualitativa, pois ao relatar experiências do campo, favorece novas reflexões antecedidas de novas ações.

Meu primeiro contato com esse procedimento para obtenção de informação se deu nos Estágios de Docência do Curso de Licenciatura em EFi. Naqueles momentos, escrevíamos um Diário a partir das práticas pedagógicas que desenvolvíamos nas escolas de Estágio, além das observações que realizávamos das aulas de colegas. Nas experiências de Estágio, do mesmo modo, escrevíamos sobre as sensações vividas sobre esta experiência docente, as limitações da prática e os desafios encontrados, servindo como base para a reflexão através da escrita.

Já na experiência construída como Bolsista de Iniciação Científica e na realização deste Trabalho, pude aprimorar o Diário de Campo, enquanto procedimento de pesquisa, que, aliado às observações realizadas, se mostrou importante para compreensão daquele contexto pesquisado.

Nesta Pesquisa, utilizei um caderno grande, como os utilizados na escola ou na universidade, com aproximadamente 100 folhas. Nele, descrevi, fielmente, as observações realizadas a cada dia que ia à escola e para sua composição, incluí, também, os relatos das aulas de EFi observadas, as descrições das reuniões pedagógicas, das conversas informais, dentro outros contextos observados, procurando não inferir juízo de valor nem opiniões pessoais, neste momento da descrição dos fatos observados.

A cada lembrança de algum fato, anotei em meu caderno para que fosse lembrado quando analisado posteriormente. Esse é o uso da criatividade e da liberdade de expressão que a escrita me proporciona. Posteriormente, ao escrever o registro sobre determinado assunto, pessoa, lugar, registrava meus sentimentos por meio das palavras, sem pudor ou limitações, com um destaque diferente no texto escrito.

2.3.4 ANÁLISE DE DOCUMENTOS

Entendo que um Documento não é apenas algo escrito ou impresso que registra alguma coisa, é, sobretudo, qualquer tipo de material produzido que pode produzir informações sobre algum fato sobre o campo que se pesquisa. Para ampliar o conhecimento e a familiarização do contexto no qual procurei firmar o ambiente de campo, lancei mão do PPP da Instituição, que identifiquei como espaço de aprendizado por meio da pesquisa e para entendimento do local, e, não somente, como leitura. Este Documento registra os aspectos descritivos da realidade escolar, bem com, as ações, as estratégias, as intenções construídas pelo coletivo da escola e tomadas para atendimento das demandas da comunidade escolar.

Outro documento analisado nesse Trabalho foram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 2000), como referência para compreensão da reorganização do conhecimento, em Áreas, e das novas orientações para o EM.

Do mesmo modo, como documento base de toda a investigação, analisei a Proposta Pedagógica para o EM Politécnico e Educação Profissional Integrada ao EM (RIO GRANDE DO SUL, 2011).

Além desses Documentos, analisei cartazes produzidos na disciplina de SI durante o ano de 2015 na escola. Estes cartazes (ANEXO A), espalhados pelas paredes da escola, chamaram minha atenção de modo significativo, em determinado momento da pesquisa, pois foram produzidos, a partir de uma temática abordada na aula de SI que apresentava alguns elementos da Cultura Corporal de Movimento e da Educação Física. Destaco que o fato mais interessante da análise desse material foi à motivação para o desenvolvimento dessa temática nas aulas de SI, a partir de uma docente do Componente Curricular de Física. A professora Sueli, que atualmente leciona Física para o EM da escola, incentivou os estudantes a pesquisarem sobre esportes, práticas corporais de seus interesses, saúde e atividade física, dentre outras temáticas. Em conversa com um estudante, este comentou que em determinado momento, a professora definiu a temática e os deixou “livres” para investigarem sobre o

assunto escolhido e que essa autonomia contribuiu para o envolvimento dos alunos com a atividade e a proposta dos SI, que são assunto foco desse Trabalho.

Os SI serão discutidos e analisados nesse Trabalho, e, dessa forma, a reflexão sobre este novo Componente Curricular, resulta a partir da intencionalidade dos docentes para o desenvolvimento de pesquisas por parte dos estudantes, e, serão discutidas nas categorias de análises da Pesquisa, apresentadas a seguir.

3. ACHADOS DA PESQUISA

A sistematização das informações obtidas e achados do campo de Pesquisa, bem como a relação com os referenciais utilizados, será apresentada neste capítulo, que foi dividido em três partes. Dessa forma, a primeira se refere aos entendimentos relacionados aos SI e as características desse Componente Curricular; a segunda trata da relação da EFi inserida na Área das Linguagens no EM Politécnico; por fim, proponho uma reflexão aproximando a Formação Inicial em EFI e as aprendizagens construídas com esta Pesquisa, destacando alguns elementos que considero abordar na Graduação.

3.1 SEMINÁRIOS INTEGRADOS E INTERDISCIPLINARIDADE: PESQUISA COMO PRINCÍPIO PEDAGÓGICO

No segundo semestre do ano de 2015, acompanhei duas turmas do EM, em que aconteceram os SI, organizados em um período por semana. Nessas turmas observadas, as aulas eram ministradas pela docente Sílvia, colaboradora da pesquisa e professora de EFi. O cronograma das aulas, nessas turmas, foi definido e dividido em dias para realização de pesquisas sobre os seguintes temas: Esportes Adaptados e Preconceitos nos Esportes (Diário de Campo, 20/10/2015). Os trabalhos realizados possuíam as mesmas temáticas para todos os grupos e foram sugeridos pela docente, que viabilizou a utilização do Laboratório de Informática para o desenvolvimento dos trabalhos, pois acredita que tal prática, diminui as chances de não elaboração das pesquisas por parte dos estudantes.

Ao ser designada para lecionar esse novo Componente Curricular (SI), a professora Sílvia se deparou com um novo desafio, pois se tratava de uma novidade e o percurso foi sendo construído a partir da Área de formação dessa docente:

O início foi difícil por que, o que trabalhar nos Seminários? Como trabalhar? Pra uma disciplina que não existia no início, né. E não existia no currículo né, na grade, então, o que fazer pra poder proporcionar a ideia dele, o que trabalhar no Seminário com os alunos? Então, quando eu fui pros Seminários, bom vamos pensar numa adequação também, então, usando também a disciplina de Educação Física assim, os temas de Educação Física, enfim [...] Assim, me abriu os horizontes! Nesse momento na Educação Física, tá. Por quê? Porque também foi um novo desafio em pensar nas propostas de como trabalhar o Seminário, né. E eu interagi com os alunos em função de temas, ver a maneira de eles trabalharem de uma forma diferente das aulas práticas de Educação Física, né. O desafio também para eles, “Ai professora, pô, Educação Física, Seminários, por que a gente não tem Educação Física?” “Não, vocês tem Educação Física, mas nós temos que cumprir o Seminário” (Entrevista nº 4, professora Sílvia, 20/04/2016).

Na opinião da professora, os SI representaram uma oportunidade de inovar sua prática docente, pois ao desenvolver uma proposta de trabalho com essas turmas, descobriu novas formas de ministrar suas aulas por meio da Pesquisa:

Eu acho que esse lado do Seminário foi positivo na Politecnia, de alguma forma, porque também deu espaço pros alunos mostrarem mais a capacidade que eles têm de fazer, de estudar, de apresentar, abriu assim, um espaço pra eles fazerem isso, eu acho isso positivo. Amadurece né. Eles têm que aprender a se colocar, a dar opiniões, né, trabalhar com a oralidade, questionar, enfim. E isso é importante né, pros jovens. E nesse momento assim, que eu achei que depois, pensando, que quando vivi mesmo o Seminário, eu achei bem interessante. Então, foi isso assim, eu pra mim foi bem positivo, adorei, gostei, acho que os alunos aprendem muito! (Entrevista nº 4, professora Silvia, 20/04/2016).

A experiência considerada positiva, por Silvia, ao ministrar no ano de 2015 a disciplina de SI, influenciou em seu planejamento para as aulas de EFi no ano seguinte, pois, embora não esteja mais trabalhando com SI em 2016, vem utilizando as aprendizagens daquele espaço para guiarem algumas aulas de EFi. Em suas atuais turmas de primeiro ano do EM, as aprendizagens por meio da utilização da Pesquisa como princípio pedagógico tem sido aplicadas, visto que nos diálogos que tive com a docente neste ano, ela menciona a utilização do mesmo formato de investigação com seus estudantes, agora no Componente Curricular EFi.

A pesquisa, entendida como princípio pedagógico, pode ser percebida, contemporaneamente, como um modelo de ensino no qual suas ações possibilitam ao estudante ser protagonista no processo de construção de aprendizagens. De acordo com Jélvez (2013), existem alguns elementos que constituem a Pesquisa como princípio pedagógico na denominada pedagogia da pesquisa e da aprendizagem, dentre eles: escola, pesquisa, contextualização e interdisciplinaridade, que se refere a uma possível contextualização da realidade social local e regional, que se configura como objeto de pesquisa na escola, dessa forma, direciona o planejamento de práticas pedagógicas significativas.

A escola realiza sua ação educativa a partir e sobre a realidade contextual, da qual surgem os temas de pesquisa, se elaboram os problemas, se analisam os resultados e se pensam as ações de intervenção e transformação dos jovens. A contextualização requer a interdisciplinaridade que propicia a interlocução entre os saberes e dos diferentes componentes curriculares e das áreas de conhecimento que compõem a malha curricular do Ensino Médio, para entender as diversas dimensões que um recorte específico da realidade contém, “requerendo planejamento e execução conjugados e cooperativos dos seus professores” (JÉLVEZ, 2013, p. 136) [grifo do autor].

Durante a realização desse TCC, que foi desenvolvido a partir da perspectiva dos docentes de EFi, foi percebida a presença de alguns cartazes de SI (ANEXO A), afixados nos corredores das salas de aula. Estes cartazes, foram elaborados com temáticas de alguns dos elementos da Cultura Corporal de Movimento (Esportes, Dança Conhecimento do Corpo, Lutas, dentre outros) e ao procurar informações sobre esses trabalhos, fui surpreendido com a informação de que esses cartazes foram elaborados no SI, no entanto, ministrada por uma professora do Componente Curricular Física. Tal fato me chamou atenção, pois minha expectativa inicial de quais eram os conteúdos desenvolvidos nas aulas de SI, tratavam das temáticas de aproximação com as respectivas áreas de formação dos professores. Portanto, relaciono essa ação da docente, com uma interpretação da Proposta para o EM Politécnico, que sugere a interdisciplinaridade como uma ação pedagógica integradora:

O trabalho interdisciplinar, como estratégia metodológica, viabiliza o estudo de temáticas transversalizadas, o qual alia a teoria e prática, tendo sua concretude por meio de ações pedagógicas integradoras. Tem como objetivo, numa visão dialética, integrar as áreas de conhecimento e o mundo do trabalho (RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 19).

Alguns dos conhecimentos da Cultura Corporal de Movimento (Capoeira, Basquete, Futsal, Muay Thai, dentre outros) trabalhados nas aulas de SI pela docente de Física, pode sugerir que esse Espaço Pedagógico (PONTES, 2015) não está limitado por uma determinada linha de conhecimentos ou algum tipo de metodologia que segrega a construção de aprendizagens em disciplinas.

Rocha (2013) aponta que cada Componente Curricular tem sua importância e deve ser considerado em meio às possibilidades de planejamento, cabendo aos professores contribuições do planejamento e reflexão coletiva com os conhecimentos pertinentes e válidos a fim de pensar e recompor o todo:

[...] na explicitação do todo, é preciso evitar o predomínio de um componente curricular em detrimento dos demais, mesmo sabendo que os conflitos sejam inevitáveis, pois eles são essenciais na elaboração interdisciplinar. Em geral, alguns conflitos de territórios e de interesses, sobressaem na elaboração interdisciplinar: ideias prontas, incompatibilidade conceitual, ambiguidades, “verdades intocáveis”, rotinas habituais, fragmentações e reforço ao isolamento, que dificultam captar o que está tecido junto e impedem a comunicação entre os campos do conhecimento (ROCHA, 2013, p. 145) [grifo do autor].

Em contrapartida, a característica inclusiva entre as disciplinas e Áreas de Conhecimento, previstas a partir da ideia de interdisciplinaridade, não é percebido, da mesma

forma, pelo corpo docente da escola, conforme o trecho da entrevista com o professor Emanuel – também responsável por lecionar SI em outras turmas do EM –, quando perguntado sobre a realização e elaboração dos SI. Foi destacado que, ainda, não são construídos de maneira coletiva e interdisciplinar:

Eu ainda não entendia como é que eu ia juntar isso, relacionar né, porque a proposta é ser integrado, então, eu entendo que integrado a gente deveria trabalhar todos numa mesma direção e com pelo menos um enfoque comum, né, e não era o que acontecia. [...] Procurei, tentei falar com os outros professores e tal e não houve muito interesse, sabe. E “ah, eu vou seguir da forma que eu tô fazendo.” O professor de Português seguiu fazendo interpretação de texto que ele acha importante, eu segui com meu trabalho que eu também acho que seria interessante e, assim, foi indo e cada um foi montando o seu trabalho [...] a única integração que acontece é quando a gente chega ali no conselho de classe, e aí junta todos os períodos, soma as faltas: “Ah, que nota tu deu pro fulano?” “Eu dei tanto, eu dei tanto, eu dei tanto!” E a média deu isso, então ele sai dali com uma nota do Seminário Integrado e no meu ponto de vista é o único momento em que alguma coisa se integra com outra coisa (Entrevista nº 2, professor Emanuel, 16/12/2015).

Segundo a fala do professor, ao iniciar seu trabalho docente na escola pesquisada, procurou obter informações a respeito da construção do planejamento das aulas de SI – um Componente Curricular que se tratava de uma novidade para o docente –, no entanto, relata que, não apenas estariam os docentes, desenvolvendo um trabalho isoladamente, como também, não houve relevante dedicação da escola para fornecer-lhe informações a fim de estabelecer uma orientação para seu trabalho:

[...] eu daria o seguinte exemplo, né: se nós três vamos pra cozinha, eu faço um prato, tu faz outro prato, ele faz outro prato, aí a gente bota na mesa e todo mundo come junto, a refeição não foi feita de forma integrada, cada um fez um. O que foi integrado, foi só no momento de compartilhar, mas a elaboração não foi né? E eu acho que é isso que acontece, a elaboração não é integrado. Só o resultado final que é integrado, né, que é uma união de coisas (Entrevista nº 2, professor Emanuel, 16/12/2015).

O docente Emanuel, ainda, relata que as expectativas iniciais de seu trabalho na escola eram de que houvesse um professor exclusivamente para a disciplina de SI: “O Seminário é uma área a parte das outras, então tem a Linguagem, as Humanas, as Exatas e tem o Seminário. O que me disseram quando eu comecei aqui na escola, era que fosse um professor para Seminário [...]” (Entrevista nº 2, professor Emanuel, 16/12/2015).

Em outra perspectiva, Sara, colaboradora da Pesquisa, docente de EFi e vice diretora da escola e que ministrou os SI no ano de 2015, entende que os SI podem ser um espaço de apoio às disciplinas “tradicionais” ou compostas pelos conhecimentos dessas outras:

Por exemplo, nós estávamos falando há pouco tempo atrás, do Seminário, que é a disciplina que eu tô ministrando. Ele é uma disciplina que dentro do Politécnico, pra auxiliar o aluno, nos projetos. Só que a gente pensa assim, que esses projetos têm que estar interligado com as disciplinas, mas cada disciplina tem uma carga horária imensa de conteúdo pra trabalhar. Se tu ficar só em cima de projeto, tu acabas deixando a desejar certos conteúdos que a gente sabe que são importantes e necessários para os alunos, até para vestibular, pra tudo [...]. Então, o Seminário, tanto Matemática ou qualquer outra disciplina, a gente pensa que o Seminário é pra isso, montagem de projeto, coleta de material, o projeto já tá lá, definido, que o aluno tem que correr atrás, os grupos já estão divididos no Seminário. A professora de Seminário vai dar esse apoio né, e vai começar a buscar nas outras disciplinas que a gente trabalha com esses alunos ao longo do ano (Entrevista nº 1, professora Sara, 14/12/2015).

Através das palavras dessa professora, é possível perceber que existe uma preocupação da união dos SI com os demais Componentes Curriculares. Outro fato possível de ser observado no trabalho de campo foi à dificuldade de integração que se dá pela demanda de horários destinados ao desenvolvimento e ao planejamento dos SI. No entanto, ela relata que os SI ocorrem de maneira satisfatória: “É, falta pra gente esse tempo de reunião, essa coisa da integração. E olha que com a dificuldade que a gente tem ainda se consegue né” (Entrevista nº 1, Professora Sara, 14/12/2015).

O relato da professora deixa clara a necessidade de maior tempo para melhor organização e planejamento dos SI: “Eu acho que ainda falta pra nós, professores, termos tempo de podermos nos reunir, pra fazer uma coisa assim, legal, que é o que o Politécnico propõe né” (Entrevista nº 1, Professora Sara, 14/12/2015).

Assim como a professora Sara, a docente Silvia menciona a questão da dificuldade com o tempo disponível para o planejamento e acompanhamento de um trabalho interdisciplinar:

Que daí foi difícil pensar assim, bom como é que nós vamos nos reunir? Nós não temos reuniões semanais pra estudar planejamento, discutir planejamento, né. Na proposta aqui administrativa, da escola eram reuniões quinzenais à noite, e às vezes, era geral, não era nem com o grupo então, a Área de Códigos e Linguagens era imensa, é o grupo que tem mais professores. Uma época, numa reunião, eu me lembro, eu contei 10 [docentes] (Entrevista nº 4, professora Silvia, 20/04/2016).

Essas falas sugerem uma reflexão contraditória ao que está previsto na Proposta para o EM Politécnico que diz: “Além disso, deverá ser destinado um percentual da carga horária dos professores – um de cada área do conhecimento, para ser utilizado no acompanhamento do desenvolvimento dos projetos produzidos nos Seminários Integrados” (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 24).

As aulas dos SI observadas durante o ano de 2015, de responsabilidade da docente Silvia (de EFi), foram realizadas através de pesquisas no Laboratório de Informática da escola, sob orientação desta docente e da docente responsável pelo Laboratório. Esses SI tiveram a seguinte estrutura para realização das pesquisas e suas apresentações:

- a) formação de grupos nas turmas observadas para realização da pesquisa através de tema específico;
- b) aulas planejadas no Laboratório de Informática para pesquisa e elaboração do conteúdo que seria apresentado;
- c) amostra dos slides construídos em cada aula para as duas professoras;
- d) entrega de um roteiro de apresentação do trabalho final;
- e) apresentação da pesquisa em *power point* para toda turma sobre o que pesquisaram no trimestre;
- f) avaliação do trabalho e da apresentação, realizada pelos próprios colegas (utilizando uma ficha de avaliação das apresentações) e pelas duas docentes (através de questionamentos sobre o trabalho e sugestões para apresentações futuras).

Através de diálogo com a professora Helena, responsável pelo Laboratório de Informática, tive a possibilidade de ouvir sua opinião em relação ao SI, que sugere que estes sejam uma “metodologia de trabalho”, e, não um “Componente Curricular”, como está configurado na Proposta e na escola.

Eu vejo que assim, eu tive uma resistência ao Seminário por que pra mim Seminário é metodologia, tem que tá dentro de todas as Áreas, não tem que ter uma disciplina chamada Seminário. O Seminário é uma forma de trabalho, tu usar o Seminário como uma forma de trabalho na tua disciplina. Eu nunca entendi porque tinha que ser separado, então, qualquer professor de qualquer Área pode trabalhar em forma de Seminário e qualquer professor de qualquer área pode ensinar o aluno a apresentar, o aluno fazer um trabalho, uma tarefa digitada, que tipo de letra se usa. Isso aí é pra qualquer professor, não é só o professor de Português nem só o professor de Seminário, meu Deus! É qualquer professor que pede uma tarefa pro aluno, ele tem que dar as regras da ABNT (Entrevista nº 3, professora Helena, 16/12/2015).

A docente questiona, do mesmo modo, a forma com que os estudantes procuram informações e pesquisam sobre assuntos, e, enfatiza que, as temáticas, nem sempre são escolhidas pelos estudantes, o que pode indicar um interesse mediano pela pesquisa, pois acredita que isso os desestimula e desfavorece a efetiva realização do trabalho: “Quem me

garante que o aluno vai conseguir entender a inter-relação que existe num assunto que ele raios escolheu para Matemática, raios para a Língua Portuguesa, raios para Arte, raios pra Educação Física, raios pra Literatura, Língua Estrangeira. Isso aí não garante [...]” (Entrevista nº 3, professora, Helena, 16/12/2015).

Apesar dessa crítica ao modo como ocorrem as escolhas de temáticas e da estrutura dos SI em formato de Componente Curricular, a professora sugere que as adaptações implicam, de certa forma, em uma melhoria na formação dos estudantes do EM:

Mas por outro lado, eu acho que é um avanço pro Ensino Médio, eu tô enxergando, fora o Curso Técnico, pela primeira vez, eu tô enxergando uma luz de instrumentalização pra esses nossos alunos. Que eles saiam daqui sabendo falar, sabendo se postar e sabendo assunto que nunca na vida eles iriam discutir. Eu também aprendi horrores, eu não tinha noção da maioria das coisas que eles apresentaram. Eu vejo relacionando isso com a vida, levantando discussões que é muito mais importante né, porque na verdade esse assunto é mais importante do que os temas, porque aí tu instiga neles a capacidade de raciocínio, a capacidade crítica né, de argumentação e de saber entender a opinião do outro sem que o outro seja estigmatizado ou segmentado, porque ele não fez como eu, coisa muito difícil isso no Rio Grande do Sul, cada vez eu tenho mais clareza disso convivendo com pessoas de fora e que eu vejo como a gente é linear (Entrevista nº 3, professora Helena, 16/12/2015).

Em meio aos desafios do trabalho interdisciplinar na escola, mesmo não sendo, especificamente, em uma ação pedagógica do Componente Curricular SI, os docentes demonstram dedicação no desenvolvimento de trabalhos que procuram articular as Áreas de Conhecimento, conforme relatou a docente Silvia, sobre uma ação escolar no ano de 2013, iniciada pela já referida docente de Física (que trabalhou com os cartazes da Cultura Corporal de Movimento, nas aulas de SI, mencionados anteriormente neste Trabalho):

E também teve uma proposta da professora das Ciências da Natureza de fazer um trabalho interdisciplinar, contemplando uma disciplina ou duas das Ciências da Natureza, Geografia, partiu dela, com a experiência que ela já tinha feito numa escola particular. Aí a professora Su, de Física, propôs um trabalho com Física, Química, Geografia, Educação Física, Matemática, quase todas as Áreas. Aí nós fizemos um trabalho grande, eu tinha dois estagiários da UFRGS na época, 3 guris muito bons, que trabalhavam à tarde comigo aqui na escola. Então, nós sentamos e ela fez uma reunião, passou toda a direção do trabalho, pra gente fazer uma prática lá no campo aqui na frente do Central. Por quê? Ela ia usar uma turma só. A gente usou duas turmas do primeiro ano. Pegamos as turmas, né. O trabalho consistia em os alunos aprenderem através dos movimentos da Educação Física, a mecânica da Física. E aí, então, fazer uma proposta prática pra eles enxergarem os movimentos e vivenciarem, pra ela poder estudar Física, tá? Aí a Química veio com a questão alimentar, fizemos um lanche coletivo, pra usar as propriedades antes de eles irem pra lá e a Matemática entrou com o cálculo, porque usou o espaço que eu tinha, porque daí eu fiz, o que eu sentei com os guris, a gente pensou em fazer: corrida, salto, porque a professora de Geografia usou a questão do local. Então, nós fizemos a parte do Atletismo, por causa dos movimentos, lançamento, corrida e salto. Aí a gente conseguiu fazer um trabalho interdisciplinar e Interáreas. Porque aí entrou a

Área de Ciências da Natureza, entrou Matemática e entraram as Humanas e Linguagens (Entrevista nº 4, professora Silvia, 20/04/2016).

A citação anterior permite reconhecer algumas aproximações com as discussões presentes na Formação Inicial em EFi, como a preocupação com a interdisciplinaridade, os saberes necessários para realização dos Estágios de Docência, dentre outras. Destaco que, mais adiante, na terceira categoria deste Trabalho, pretendo retomar essas discussões e refletir sobre a Formação Inicial.

Foi possível compreender, por meio de observação participante e de entrevistas realizadas com docentes, que, embora estejam desenvolvendo os SI, ainda, existem diversos desafios que cercam esse novo Espaço Pedagógico (PONTES, 2015), por exemplo: a falta de oportunidade de trabalho interdisciplinar; a ausência de um espaço e tempo para planejamento coletivo dos SI; a escolha de temáticas de maneira coletiva entre os docentes; a falta de orientações sobre quais conteúdos trabalhar nos SI, para que cada docente não desenvolva aulas, exclusivamente, de acordo com suas vontades, ou, até mesmo, dar aula de reforço de algum conteúdo específico do Componente Curricular que trabalha na escola.

Através da Proposta do Governo, tem-se como prioridade o estímulo à pesquisa como princípio pedagógico, que, deve acontecer em um formato interdisciplinar entre as Áreas do Conhecimento. No entanto, cada docente que trabalha com o SI, tem autonomia e independência na escolha das temáticas a serem transcorridas ao longo dos trimestres.

3.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO

Na escola pesquisada, foi possível observar que, ainda, está presente a prática hegemônica do esporte nas aulas de EFi, pois em quase todas as aulas observadas durante o trabalho de campo, os aspectos tecnicistas de alguma modalidade esportiva (Vôlei, Futebol, Futsal, Tênis de Mesa) se mantinha como foco da aula:

Tu chega aqui, tu tem que trabalhar aquele currículo Futebol, Handebol, Basquete, como se nada mais existisse, né. Tem um pouquinho mais de amplitude pra dança, pra lutas, né, talvez um pouquinho de atletismo, fora isso, mais nada, né. Então, eu não vejo, por exemplo, eu nunca tinha visto trabalhar com esporte de outros países, outras realidades dentro da escola, com esportes populares como um Skate (Entrevista nº 2, professor Emanuel, 16/12/2015).

Nesse sentido, no ano de 2015, grande parte das aulas observadas de EFi no Ensino Fundamental, eram organizadas e ministradas por estudantes do Curso de EFi da UFRGS

(estagiários) e da PUC (Bolsistas do PIBID). Os Bolsistas do PIBID também organizavam e ministravam aulas de EFi para o EM. A partir disso, percebi, a forte influência do PIBID na escola, que, através de um planejamento em conjunto com uma das professoras de EFi, foi organizado um Plano de Trabalho de EFi para aquele ano. Essa construção foi feita com base no material do PIBID (bolas, colchonetes, redes, dentre outros), disponíveis para as aulas de EFi a serem ministradas por esses estudantes, e com base no espaço para o acontecimento dessas aulas.

No contexto das mudanças na EFi, ou, possíveis práticas pedagógicas que se aproximam da Área das Linguagens, puderam ser observadas, mais através da realização dos SI, do que nas próprias aulas deste Componente Curricular EFi. Ou seja, a preocupação com o desenvolvimento dos SI incide em dedicações quanto ao que se refere à Proposta para o EM Politécnico; enquanto o Componente EFi mantém certa abordagem tradicional, hegemônica e tecnicista, sendo raras as observações de práticas pedagógicas mais inovadoras:

Ao chegar à quadra com a turma, o professor Emanuel diz que hoje na aula, vai deixá-los jogar livremente. Então a turma se divide em dois grupos, um com uma bola de Vôlei e o outro grupo forma dois times para jogar futsal. Nesse momento converso com o docente que relata algumas frustrações a respeito da EFi na escola, como a restrição da utilização de determinados materiais destinados ao PIBID, dentre outras (Diário de Campo, 24/11/2015).

Os fatos observados e as conversas com o docente Emanuel me chamam atenção para algumas carências da educação pública, pois, nessas conversas, diversas dificuldades, como a falta de recursos necessários, materiais e equipamentos, que limitam a motivação dos professores quanto ao planejamento e a organização de suas aulas, vieram à tona:

Foi também um balde de água fria porque foi uma mudança radical, pra nós professores da Rede Estadual, receber essa mudança, né. [...] O que é a definição da Politécnica? Não era nem o aluno com formação de Curso Técnico, nem só com a base do Fundamental, eles queriam um meio termo, pelo que foi nos passado, das reuniões que nós tivemos aqui na escola. Então, o aluno teria um diferencial no Curso do Ensino Médio da Rede Estadual. Um aluno, na proposta de ele ter uma visão mais ampla de trabalho, depois né, de sair pra trabalhar né, não sair só com o foco de estudar pra fazer vestibular. E aí foi difícil né, pra nós, por quê? Porque nem eles entenderam, pela capacitação que o Estado montou, as pessoas que foram responsáveis por isso, tinham, acho que uma capacitação, enfim, ou estudo, não sei, pra passar pra supervisão, pras coordenadoras, pra depois chegar às escolas. Porque uma coisa é tu pensar numa mudança a nível teórico e prático, mas assim, conduziu, passar os conhecimentos, como tu queres. E outra, é tu estar ali né, na escola, dentro do contexto das aulas (Entrevista nº 4, professora Silvia, 20/04/2016).

Foi notável, por meio de diálogos construídos no trabalho de campo, que a expectativa dos docentes, através da implementação da Proposta do EM Politécnico, era de que ocorresse,

cada vez mais, um envolvimento entre as Áreas de Conhecimento que compõem o EM: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias. Do mesmo modo, percebi nas conversas com docentes, estudantes, supervisora, vice-diretora e diretor da escola, que, atualmente, esses envolvimento estão mais presentes na organização da escola, pois pude acompanhar certa movimentação como a organização de reuniões pedagógicas por Área de Conhecimento, reflexões sobre as formas de avaliação, dentre outros.

No entanto, em minha concepção e nas conversas que tive com os docentes, percebo que a Proposta Pedagógica, em si, de certo modo, pode ter sido considerada imposta pelo Governo, pois não se tratou de modificações que foram realizadas a partir das necessidades discutidas com eles e analisadas a partir daquela comunidade escolar. Nesse sentido, menciono outra fala da docente Silvia, que, ao responder uma pergunta sobre haver ou não uma possível orientação e esclarecimentos por parte da Secretaria Estadual de Educação (SEC) ou das Coordenadorias Regionais de Educação (CRE) do Estado sobre a Proposta, destaca:

Nada! Não, não veio ninguém da CRE [Coordenadorias Regionais de Educação]. A CRE fazia capacitação pros supervisores, diretores, enfim, e a supervisão, orientação, coordenação, vinha pra cá e passava. Nunca veio ninguém da CRE aqui. E aí tem as coisas, assim ó, o que uma pessoa pode entender também no seu treinamento, como a supervisão, a orientação, passar, também pra nós e nós termos esse entendimento e também tem muito confronto em reuniões, de conversar, dos professores, de como é que nós vamos fazer? Não, mas vocês têm que fazer. Mas como? E aí meio assim, discussões enfim, acirradas, pra poder colocar, porque nós entendemos que foi assim, goela abaixo isso aqui. E nós tínhamos que estar disponíveis pra estudar, pra pensar, pra ler, pra montar as aulas da Politecnia, pra chegar no trabalho interdisciplinar (Entrevista nº 4, professora Silvia, 20/04/2016).

Foi possível aprender que, a cada ano, desde sua implementação em 2011, os docentes estão se apropriando da Proposta de maneira que, algumas alterações são realizadas para dar conta desta. Por isso compreendi que alguns docentes estão “traduzindo” as orientações da Proposta para ver o que conseguem, de fato, realizarem, a partir de suas realidades de trabalho nas Escolas Reais. Há um movimento, como um todo, na escola, de proposições de reuniões por Áreas de Conhecimento, a fim de possibilitar encontros entre os docentes dessas Áreas, ou seja, penso que o “pontapé inicial” está sendo dado para que se consiga organizar um trabalho mais coletivo que atenda os desafios da nova Proposta:

Nós fizemos assim, várias reuniões, por quê? Porque foi por Áreas de conhecimento, como nós vamos trabalhar com, vocês vão ter que trabalhar tendo um eixo, né, um eixo, e dentro disso, todas as áreas vão ter que tentar fazer o trabalho interdisciplinar. Aí começa a interdisciplinaridade, que nunca havíamos trabalhado. Conhecíamos assim, sabíamos do que se tratava né, temas transversais, temas também né, enfim. Aí nós começamos a pensar, a Bárbara, a supervisora, disse que primeiro vocês de Códigos e Linguagens, a Educação Física faz, ela dividiu como é que era pra ser, passou em várias reuniões, tivemos várias reuniões com Power Point passando todo aquele material (Entrevista nº 4, professora Silvia, 20/04/2016).

Aliado a citação da docente Silvia, destaco que no dia 13/04/2016, tive a oportunidade de participar de uma dessas reuniões da Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, na qual, em meio às falas dos professores, foi discutida e definida a proposta de um “tema norteador”, a ser trabalhado nos Componentes Curriculares que integram essa Área de Conhecimento. Assim, o tema definido pelo coletivo de professores, para o primeiro trimestre do ano de 2016, foi “cidadania” (Diário de Campo, 13/04/2016). A partir da definição desse tema, os professores passaram a organizar seus Planos de Aula e de Trabalho, a fim de trabalharem em conjunto, práticas pedagógicas que tivessem esse tema como orientador e problematizador. Na mesma reunião, foi eleito um professor representante da Área, que será responsável pela comunicação e solicitação de documentos a serem entregues ao setor de Orientação Pedagógica.

Assim sendo, compreendo que a inserção da EFi na Área das Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, ainda é motivo de “estranhamento” na escola pesquisada e passa por uma fase de adaptação, bem como a Proposta para o EM Politécnico.

3.3 FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: APRENDIZAGENS CONSTRUÍDAS COM A PESQUISA

Em meio ao percurso de minha trajetória na Formação Inicial em EFi e, junto à isso, na realização desta Pesquisa, me deparei com pensamentos e opiniões que impactaram minhas concepções sobre as escolas públicas, chamando a atenção para seus desafios e suas demandas reais. Nesse sentido, percebo que é pertinente refletir, ainda na Formação Inicial, sobre realidades concretas de trabalho nesses ambientes de ensino-aprendizagem.

Os achados desta Pesquisa, através do acompanhamento das aulas de EFi da escola pesquisada, e, especialmente, as observações da organização dos SI em turmas do EM, me possibilitaram entender que existe uma real necessidade de compreensão da Proposta Pedagógica por parte do corpo docente, que, atualmente, realiza uma tradução desta, de acordo com suas condições de trabalho no contexto escolar. Os docentes vivem um momento

de adaptação e, muitos deles, relatam que a nomenclatura “Politécnico”, caiu em desuso, em função de mudanças no cenário político estadual. No entanto, me propus a pesquisar como a Proposta implementada a partir de 2011, independentemente do nome, tem dado conta das necessidades ou desafios das “Escolas Reais”, através do olhar do coletivo de docentes de EFi.

Durante o processo de adaptação quanto às novas orientações para o EM, outro fator chama minha atenção. A professora Sara, assim como outros docentes entrevistados, relata a questão da “didática” e a importância da “compreensão do contexto da escola e dos estudantes”, para dar aulas de EFi mais significativas, e, inclusive, como elementos necessários para atuarem como docentes de EFi nas escolas públicas. A reflexão sobre a didática e a compreensão do contexto, são discutidos pelos docentes entrevistados, não somente como necessários em suas próprias práticas pedagógicas, mas, também, destacam que sentem falta desses elementos nas práticas dos estudantes de EFi que chegam na escola, para realizarem seus estágios ou práticas diversas:

A educação também vem de casa e, às vezes, eles são filhos de pais muito jovens. Tem filho, aluno da escola que o pai e a mãe foram alunos daqui não faz muito tempo, que ainda são jovens, né. Aí tem aquela criança com uma educação diferente, né, que a gente tava acostumada a lidar. Então, eu acho que são dois pontos importantes: a didática, que é a parte de como dar aula e essa parte que eu não sei se encaixaria na Psicologia, numa cadeira de entender... é, ... o ser humano... (Entrevista nº 1, professora Sara, 14/12/2015).

Nesse sentido, a professora Sara ressalta que, para atuação na carreira docente, é importante, ainda na Graduação, o desenvolvimento e a formação de um olhar sobre o “lado mais humano” das pessoas, ou seja, uma maior compreensão dos diferentes contextos de vida dos estudantes da comunidade escolar:

É, eu acho que além da didática, eu não sei se seria, vocês devem ter na faculdade a Psicologia, com certeza, mas eu falo é da Psicologia daquele lado mais humano, aquele lado de lidar com a comunidade escolar. A gente recebe aluno de tudo quanto é jeito né. E tu tem que ter uma postura em que tu não pode pegar um aluno pelo braço, à força, ter uma postura mais tradicional, autoritária. E a gente tá um pouco, nós que já estamos a um tempão aqui, lidamos com dificuldades, com isso, muitas vezes, imagina quem chega cru, chega novo (Entrevista nº 1, professora Sara, 14/12/2015).

Assim como a professora Sara, a docente Helena comentou – de acordo com suas experiências anteriores na formação de nível médio, de professores no Magistério na mesma

Instituição – que nos Cursos de Formação Inicial, existe uma necessidade de melhor “preparar” os futuros professores para atuarem na escola:

Isso não é uma prerrogativa só do professor de Educação Física, eu tive várias alunas que tinham graduação e foram fazer estágio comigo e o que eu mais sentia é que aquelas alunas que fizeram Curso Normal, não sabiam dar uma aula, fazer uma aula, escrever um projeto, as questões burocráticas e botar num papel o início, o meio e fim duma aula né, tem que ter! E tenho a impressão de que a graduação é muito acadêmica, muito teórica, não que a teoria não seja importante, eu sou a favor de teoria, mas eu acho que a graduação, em qualquer área, deveria preocupar-se assim com mais o fazer, né, saberem fazer essa coisa, saber fazer, refletir, fazer, refletir, saber e fazer, quer dizer, é refletir a prática, reflexão, prática e reflexão (Entrevista nº 3, professora Helena, 16/12/2015).

Do mesmo modo, a docente Helena comenta sobre possíveis frustrações e desafios que o professor pode se deparar em sua carreira docente na escola e que deve saber, ou, estar preparado sobre como lidar com essas dificuldades:

O estágio é uma busca disso, eu sei, mas quando vocês chegam na escola pra ser o professor, pra dar aula, vocês se assustam com um monte de coisa. Com a realidade que são diferenciados e não há como tu ensinar realidade em todas as graduações, não tem como. Mas uma coisa que tu poderia ensinar, que a graduação poderia trabalhar, é com o preparar o profissional para o novo, para a frustração, pra que ele saiba assim, que aquilo que é ideal, tá dentro da universidade e aí a universidade diz que tem que ser assim, assim, assim e assim, mas aqui no campo a coisa acontece de outro jeito [...]. Por exemplo, eu sei que a tua linha é dentro de uma linha que gosta de trabalhar com a discussão, com a problematização, com a politização do ato de qualquer coisa que seja dentro da escola. Mas aí, tu encontra uma resistência da tua diretora que diz assim: “olha, aqui dentro da escola tu não vai fazer isso, tu vai lá, pega uma bola, larga pros guris naquele espacinho pequeno lá e tá bom”. O que tu vai fazer com a tua cabeça quando isso acontecer? [...] Isso é preparação para o novo, não para situações pontuais por que aí não tem como tu reconhecer as situações pontuais. Então preparar didaticamente, acho que falta um pouco de didática. O que é didática? Como fazer uma aula, como avaliar, da onde eu tiro o meu conteúdo pra aula seguinte, essas coisas bem feijão-com-arroz do cotidiano, a universidade na graduação peca um pouco. [...] E aí a gente pergunta pro colega e diz assim, mas qual é o objetivo da aula? “Ah, mas tá no conteúdo, eu tenho que dar!” Sim, mas pra quê? Pra que isso? Então, isso a universidade parece que distanciou um pouco da realidade (Entrevista nº 3, professora Helena, 16/12/2015).

Analisando essas citações e refletindo sobre o desenvolvimento das aulas de EFi nas escolas, penso que apenas o planejamento não garante o sucesso da aula, ou, ainda, que garanta a construção de aprendizagens significativas aos estudantes na escola. Logo, o desafio se constitui em possibilitar que essas aprendizagens significativas aconteçam, frente às diversas realidades sociais e as situações imprevistas que acontecem durante a aula.

O professor Emanuel, do mesmo modo, menciona uma preocupação relacionada à questão da compreensão das diferentes realidades dos diversos sujeitos para desenvolver um trabalho pedagógico, a partir do contexto no qual a escola se insere. Nesse sentido, acredita ser necessário, o investimento em estudos na Formação Inicial em EFi, no que diz respeito aos seres humanos e suas especificidades: “Eu acho que a gente precisava ter mais... uma visão mais ampla da sociedade, do aluno, do ser humano, do meio que ele vive, pra poder... até pra estruturar tua própria linha de trabalho” (Entrevista nº 2, professor Emanuel, 16/12/2015).

Esse docente, que concluiu sua Graduação na UFRGS, revela que, na época de sua Formação Inicial, existia outra organização curricular, inclusive em relação aos Estágios Docentes:

Converso como o docente Emanuel até o final da aula, ele me fala sobre vários sentimentos à respeito da EFi, graduação, estágio, escolas públicas, possibilidades de temas para as aulas, saberes que os alunos já possuem, em função do acesso à informação. Relata que em sua graduação, fez apenas um estágio, no qual o grande grupo de estagiários se dividia em três e davam aula para turmas diferentes (Diário de Campo, 24/11/2015).

Entendo que a opinião do professor Emanuel sobre o currículo da Formação Inicial em EFi é formada a partir de uma perspectiva de um professor que se depara com os desafios das escolas públicas, por exemplo, a falta de planejamento coletivo, e, a partir disso, sente-se desmotivado em relação à carreira docente. Nesse sentido, discutir sobre a Formação Inicial é um importante passo a ser dado, pois promove reflexões pertinentes sobre o contexto ao qual se inserirá o futuro professor:

De modo geral, quando se trata da formação de professores, o entendimento corrente é que esse processo se resume a percursos formativos sistematicamente desenvolvidos em cursos de formação em instituições de Ensino Superior. E, em consequência, as políticas tem como objeto a formação inicial, e não integram as políticas relativas ao trabalho docente, em especial no que diz respeito à profissionalização e às condições de trabalho, que, de modo geral são tratadas em outra esfera, a do financiamento (KUENZER, 2014).

Destaco que iniciei esse Trabalho em busca de novos conhecimentos referentes à Educação Básica, mais especificamente ao EM, também influenciado, pela atuação como Bolsista de Iniciação Científica na Pesquisa do Grupo ao qual integro. Ao longo desse percurso, diversas experiências – o processo de imersão no campo, o registro dos fatos observados no diário de campo, os diálogos com os docentes de EFi e demais trabalhadores da escola, as inquietações observadas, as leituras realizadas e a investigação como um todo – se constituíram em aprendizagens significativas, me permitindo, além da inserção no universo

da Pesquisa Qualitativa, uma melhor formação como professor. Ou seja, parece que me sinto com mais coragem para enfrentar os desafios da escola, caso venha integrar esse contexto como docente de EFi. Assim, ao me deparar com as possibilidades em relação à futura trajetória docente, me sinto mais motivado pela compreensão de alguns fenômenos observados nesta escola, como os desafios que os docentes colaboradores relataram.

Em uma conversa informal com minha orientadora, ela me instigou a pensar na forma como enxergo, penso e acredito ser a Educação, e, a partir desse momento, meu estudo tomou novas proporções. Logo, as compreensões e as aprendizagens decorrentes desse Trabalho, me designaram a uma nova inclinação, que tende a se alinhar com os conhecimentos oriundos da Pesquisa como forma de construção de conhecimentos.

Desta forma, compreendo que este TCC pode contribuir com a Formação Inicial no Curso de EFi, por apresentar informações e reflexões pertinentes do atual cenário de uma das Instituições Estaduais que aderiram às reestruturações curriculares propostas pelo EM Politécnico, oferecendo ao Licenciando, um olhar mais próximo da realidade escolar.

Para finalizar essa categoria, gostaria de destacar que, em determinado momento da Pesquisa, tive a oportunidade de organizar um trabalho acadêmico em conjunto com duas colaboradoras dessa Pesquisa, para apresentação em formato de pôster em um evento científico na ESEFID. A construção de trabalho, que refletia sobre o SI e a pesquisa como princípio pedagógico, possibilitou escrever sobre o objeto de estudo investigado nesse TCC e apresentar as primeiras aprendizagens construídas neste.

Sendo assim, compreendo a importância da Pesquisa como fonte de produção de saberes, não especificamente, aquela realizada no laboratório, em condições denominadas ideais, distantes (fisicamente) da realidade social, mas sim, aquela que se aproxima desta realidade e ocorre imersa nesta. Dessa forma, reflete sobre as diversas formas de manifestações humanas, estudando algo mais próximo de nós – seres humanos – e que faça mais sentido ao tentarmos entender o processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido que me alinho ao que se refere à pesquisa como princípio pedagógico, que, proporciona ao pesquisador (seja estudante ou professor), compreender o mundo a partir “deste mundo”, ou seja, acredito que a motivação pela descoberta de algo observável possa ser o combustível para obtenção de novas estruturas cognitivas. Com isso, destaco que esses novos saberes colaboraram em minha Formação Inicial em EFi, ao passo que espero, serem pertinentes a quem tiver interesse e motivação nessa temática.

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Para finalizar esse Trabalho, relembro algumas inquietações e frases iniciais que direcionaram essa Pesquisa, como minha concepção de Educação e a busca pela emancipação do sujeito e formação humana. Resgato essas palavras, pois percebo que durante o processo de construção desse TCC, pude perceber diferentes maneiras de aprender, inclusive, a partir da busca pela compreensão dos fenômenos observados por meio da Pesquisa e de um olhar que possibilita a interação das Áreas de Conhecimento e as diversas formas de ligação entre elas.

O presente estudo procurou compreender como a Educação Física no EM Politécnico do Estado do Rio Grande do Sul está sendo desenvolvida em Escolas Estaduais e de que maneira é contemplada nos Seminários Integrados, a partir da perspectiva dos docentes de EFi, que, de certa forma, necessitaram de uma reorganização do seu trabalho docente, durante a implementação do Ensino Politécnico a partir de 2011.

O resultado do Trabalho me mostrou que o corpo docente e a escola, ainda, estão em fase de adaptação/tradução quanto às orientações da Proposta, que demandam horários designados para a organização e a sistematização dessa nova disciplina (o SI), integrante do currículo do EM. Além dos desafios inerentes a escola, as transformações oriundas da reformulação curricular, causaram impactos imprevistos e alteraram as configurações de organização das aulas na escola, gerando novas ações e improvisos para adequação às políticas da educação nesse Estado.

Ao analisar os Documentos Oficiais do Governo do Estado do RS que descrevem a Proposta do EM Politécnico, e, confrontando-as com as informações obtidas no trabalho de campo, foi possível perceber por parte dos docentes, certo distanciamento a respeito do que diz a Proposta, por exemplo: i) a limitação do desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar, relatadas nas falas dos docentes; ii) a dificuldade de escolha dos conteúdos a serem trabalhados nos SI; iii) a não integração e escasso diálogo entre as Áreas de Conhecimento para a realização dos SI. No entanto, ações integradoras começaram a ser relatadas e observadas, por exemplo, i) a realização de reuniões por Áreas de Conhecimento; ii) discussão inicial sobre planejamento por Áreas de Conhecimento, com participação da direção, Serviço de Orientação Pedagógica e os professores das Áreas; iii) ações que indicam certa dedicação e esforço para dar conta da Proposta e atender suas demandas, bem como o compromisso social com a Educação.

A maior parte dos professores entrevistados acredita que os maiores desafios em adequar-se às Reformas Curriculares, neste caso, à Proposta do EM Politécnico, implicam nas dificuldades presentes nesse processo: 1) a concretização da interdisciplinaridade, a partir da dificuldade de compor um planejamento coletivo; 2) a realização da avaliação emancipatória por Área de Conhecimento, composta por mais de um Componente Curricular; 3) a compreensão dos estudantes dos motivos dessas alterações, dentre outras. Dessa forma, foi possível perceber, também, que, atualmente, esse coletivo de professores desempenha certa tradução da Proposta, de acordo com as reais condições materiais e estruturais do contexto e realizam seu trabalho pedagógico “como podem”. Percebi, ainda, alguns desinvestimentos pedagógicos justificados, dentre outros motivos, como decorrência da própria reforma curricular.

Acredito e aprendi que, através de uma prática pedagógica do professor que prevê o ato de pesquisar, possibilita a formação de um estudante pesquisador, e isso, implica na decisão de um trabalho pedagógico sob a ótica da Pesquisa. Ou seja, trabalhar a partir dessa perspectiva, significa utilizar a pesquisa como fonte de motivações ao aprendizado, permitindo que as dúvidas sejam substituídas por conhecimentos que fazem sentido ao sujeito. Do mesmo modo, essa metodologia de ensino, aproxima o estudante da condição de pesquisador, e, provoca o docente a seguir, também, por este caminho. Em meu entendimento, as aprendizagens iniciam a partir do momento que a temática ou o conhecimento façam sentido ao estudante, ou seja, quanto mais próximo de sua realidade, maiores são as possibilidades de assimilação e de construção dos conteúdos.

Considerando o fato de ingressar no campo – a escola – e lá permanecer por aproximadamente 10 meses, já me permitiu ampliar meus conhecimentos acerca do ambiente escolar. Dessa forma, aprendi com as observações, as entrevistas e os documentos, que a sistematização e a aplicação de Políticas Públicas na Educação são motivo de grandes polêmicas, pois implicam em divergências, conflitos de ideologias e de pensamentos. As mudanças propostas pelo EM Politécnico implicaram em uma adaptação das escolas e das pessoas da escola, de maneira que foi estruturada a CH do Componente Curricular SI em meio às demais já existentes, e, além disso, é presente o diálogo sobre as dificuldades e os percalços advindos dessa nova Proposta que substituiu “aquele velho segundo grau”.

Depois de desenvolver esse Trabalho, sinto-me mais preparado para refletir sobre minha futura atuação docente no contexto da Educação e os desafios que envolvem constituir-se professor e trabalhar na escola. Especificamente sobre as escolas estaduais no Rio Grande do Sul, não é novidade que os professores poderiam ser mais reconhecidos, no sentido de que

recebem baixas remunerações e desenvolvem suas práticas pedagógicas em condições precárias. Logo, considero a atuação, nesse contexto, mais do que uma prática pedagógica, e sim, uma batalha pela possibilidade de transformação e de desenvolvimento social e cognitivo dos sujeitos que estão nesses ambientes, em busca de formarem-se cidadãos críticos, reflexivos e emancipados.

Dessa forma, pretendo, muito em breve, me inserir nessa batalha como um agente de transformação da realidade na qual considero injusta, lançando mão dos conhecimentos aqui proporcionados e iniciados. Portanto, pretendo seguir investigando sobre a Educação e como esta pode ser local de produção de aprendizagens significativas para os estudantes na Educação Básica. Para dar continuidade a esse processo, estou me dedicando a realização de concursos públicos para atuar na escola como professor de Educação Física e procuro seguir as aprendizagens em minha Formação Continuada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília. 1996.

BRASIL. FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. **Programa Dinheiro Direto na Escola**. 1995. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/dinheiro-direto-escola/dinheiro-direto-escola-apresentacao>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio**. 2013. Disponível em: <<http://pactoensinomedio.mec.gov.br/>>. Acesso em: 17 dez. 2015.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Ensino Médio Inovador: ProEMI**. 2009. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ensino-medio-inovador/apresentacao>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio (PCN)** Brasília: MEC, 2000.

FERREIRA, Vera Maria. Ensino Médio Politécnico: mudança de paradigmas. In: AZEVEDO, Jose Clovis de; REIS, Jonas Tarcísio (Org.). **Reestruturação do Ensino Médio: pressupostos teóricos e desafios da prática**. São Paulo: Fundação Santillana, 2013. Cap. 11, p. 187-206.

JÉLVEZ, Julio Alejandro Quezada. A pesquisa como princípio pedagógico no Ensino Médio. In: AZEVEDO, José Clóvis de; REIS, Jonas Tarcísio. **Reestruturação do Ensino Médio: Pressupostos Teóricos e desafios da prática**. São Paulo: Santillana, 2013. Cap. 8, p. 117-137.

KUENZER, Acacia Zeneida. Dilemas da formação de professores para o Ensino Médio do século XXI. In: AZEVEDO, José Clóvis de; REIS, Jonas Tarcísio. **O Ensino Médio e os**

desafios da experiência: Movimentos da prática. São Paulo: Fundação Santillana, 2014. Cap. 7, p. 77-92.

MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória. In: MOLINA NETO, Vicente et al. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. Cap. 5, p. 101-112.

PONTES, Maicon Felipe Pereira. **O trabalho docente dos professores de educação física diante a implementação do ensino médio politécnico:** um estudo em escolas de Ensino Médio na rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente et al. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. Cap. 4. p. 61-99.

ROCHA, Silvio Jandir da Silva. Interdisciplinaridade: possibilidades na prática curricular. In: AZEVEDO, José Clóvis de et al. **Reestruturação do Ensino Médio: Pressupostos teóricos e desafios da prática**. São Paulo: Fundação Santillana, 2013. Cap. 9, p. 139-163.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Proposta Pedagógica nº 1, de 2011. **Proposta Pedagógica Para O Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada Ao Ensino Médio**. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2015.

TRIVIÑOS, A. N. **Bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa em ciências sociais:** idéias gerais para elaboração de um projeto de pesquisa. Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001. (Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis, v. 4).

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Informações Gerais

- 1.1. Data da entrevista:
- 1.2. Início e término:
- 1.3. Nome do docente:
- 1.4. Ano de conclusão do Curso de Graduação:
- 1.5. Instituição formadora:
- 1.6. Carga Horária:

2. Trajetória na Educação Física

- 2.1. Por favor, conte-me como foi o processo de escolha pela formação em Educação Física. Por que escolheu essa área?
- 2.2. Considerando que a atuação de um professor não se dá apenas em escolas da Educação Básica, em quais outros locais, já atuastes como professor de Educação Física (Escolinhas de Futebol, Academias, Clubes, Grupos de Corrida, dentre outros)?
- 2.3. Há quanto tempo atua como professor de Educação Física em escolas? E nessa escola?
- 2.4. Qual a tua relação com essa escola? Como foi o ingresso e como chegastes até ela?

3. A Educação Física e a escola

- 3.1. Como se organiza a escola em relação ao Ensino Médio (definição de turmas, plano de trabalho, reuniões, dentre outros)?
- 3.2. Como se organiza a escola em relação a Educação Física (espaços, material, escolha de turmas, proposta pedagógica, dentre outros)?
- 3.3. Como é teu contato com relação aos outros docentes de Educação Física na escola?
- 3.4. Quais os desafios encontrados no teu trabalho nessa escola?

4. Educação Física e Ensino Médio

- 4.1. No Curso de Graduação, geralmente obtemos o contato com a escola apenas a partir dos estágios docentes. Como foi esse processo de construção de conhecimentos a partir da prática pedagógica no estágio, e, posteriormente, na escola?
- 4.2. A tua experiência docente consolida uma perspectiva teórica a partir da Graduação? Que tipo de “improvisos” ou adaptações são necessárias na prática?
- 4.3. Na tua opinião, tua formação na Graduação contempla a atual demanda da Educação Física na escola? Por quê?
- 4.4. O que tu achas que poderia ter aprendido na Universidade, que te preparasse melhor para o ingresso em uma escola pública?
- 4.5. Como tu selecionas os conteúdos que serão desenvolvidos nas tuas aulas?
- 4.6. Como são as tuas aulas? Conte-me uma delas.

5. Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e a Educação Física

- 5.1. Recentemente, o Ensino Médio passou por algumas mudanças que, ainda, estão em fase de adaptação nas escolas públicas. A partir da tua atuação docente no Ensino Médio, como tu tens percebido essas mudanças?

- 5.2. Quais têm sido os desafios a partir dessa nova Proposta para o Ensino Médio?
- 5.3. Como tu enxergas a Educação Física dentro da Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico?
- 5.4. Considerando a recente inserção da Educação Física na Área das Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, como é sua relação com os colegas de área (Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Literatura e Artes)?
- 5.5. Quais as adaptações no teu trabalho, foram necessárias a partir dessas mudanças?
- 5.6. Em meio às mudanças, insere-se nesse contexto, um novo Componente Curricular, os Seminários Integrados. Como é organizada essa disciplina na escola?
- 5.7. Quais as relações entre Educação Física e os Seminários Integrados no Ensino Médio aqui na escola?
- 5.8. Qual a tua opinião sobre esse novo Componente Curricular?
6. Quais dicas tu darias ao docente iniciante em relação à atuação como professor em escolas públicas?
7. O que tu podes me dizer sobre a Formação Inicial (Graduação em Licenciatura) e as adaptações que os professores devem cumprir frente às reformulações nas políticas que dizem respeito à Educação?
8. Agradeço imensamente pela contribuição com nossa pesquisa. Essa contribuição tornará possíveis reflexões que contribuirão com a qualidade e a garantia da Educação. Abro esse espaço para que tu possas manifestar qualquer outra informação que sentir vontade ou comentar sobre qualquer outro aspecto. Muito Obrigado!

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Porto Alegre, _____ de _____ de _____.

Você está sendo convidado(a) a participar de um estudo sobre “A Educação Física no Ensino no Médio: estudos de casos na Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul”.

Dessa forma, pedimos que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, com a sua assinatura, sua participação neste estudo.

Você receberá uma cópia deste Termo para que possa questionar eventuais dúvidas que venham a surgir, a qualquer momento, se assim o desejar.

1) Objetivos do Estudo:

- a) Aprofundar os estudos desenvolvidos pelo Grupo F3P-EFICE, utilizando o conhecimento acumulado sobre o Ensino Fundamental para investigar com o professorado de Educação Física o Ensino Médio e ampliar nossa experiência em pesquisa sobre as relações entre a formação de professores e o trabalho docente do professorado de Educação Física na escola pública de Ensino Médio gaúcha;
- b) Identificar e compreender os efeitos dessas relações na construção da identidade docente desse coletivo docente;
- c) Focalizar o conhecimento dessas relações e efeitos sobre os professores de Educação Física nas diferentes etapas da carreira docente;
- d) Refletir e avançar nas teorias e novas abordagens metodológicas na pesquisa qualitativa em Educação Física;
- e) Efetuar uma metanálise das políticas pública para o Ensino Médio, especialmente, a Proposta do Ensino Médio Politécnico, buscando sínteses argumentativas sobre a formação, o trabalho docente e a prática pedagógica do professorado de Educação Física no Ensino Médio e na Escola Básica.
- f) Publicar resultados da pesquisa em Revistas e Congressos relacionados com as áreas de conhecimento da Educação e da Educação Física.

2) Procedimentos:

Participar de uma entrevista, previamente agendada, a ser realizada nas dependências do seu local de trabalho e de estudo, com duração máxima de uma (1) hora. Esta entrevista será gravada, transcrita e devolvida para sua confirmação das informações coletadas.

Permitir a observação de aulas de Educação Física da escola, reuniões, passeios e atividades diversas que fazem parte do cotidiano escolar.

3) Riscos e Benefícios do Estudo:

Primeiro: Sua adesão como colaborador(a) deste estudo não oferece nenhum risco à sua saúde, tampouco o(a) submeterá a situações constrangedoras.

Segundo: Você receberá cópia da sua entrevista para validar, retirar ou modificar as informações, a seu critério, antes de o texto ser transformado em fonte da pesquisa.

Terceiro: Este estudo poderá contribuir para o entendimento dos problemas relacionados aos sentidos da escola na atualidade vivenciados por docentes e estudantes, principalmente em âmbitos escolares.

4) Confidencialidade:

Todas as informações coletadas, sob a responsabilidade dos(as) pesquisadores(as), preservarão a identificação dos sujeitos pesquisados e ficarão protegidas de utilização não autorizada.

5) Voluntariedade:

A recusa dos participantes em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta de informações a qualquer momento, se assim for seu desejo.

6) Novas informações:

A qualquer momento os participantes do estudo poderão requisitar informações esclarecedoras sobre o Projeto de Pesquisa e as contribuições prestadas, através de contato com os(as) pesquisadores(as).

7) Contatos e Questões:

Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – ESEFID/UFRGS

Professora Lisandra Oliveira e Silva

Rua Felizardo, n. 750, Jardim Botânico, Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3308 5821

Comitê de Ética da UFRGS – Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESQ)

AV. Paulo Gama, 110, 7º andar, Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3308 4085

Lisandra Oliveira e Silva – Docente da ESEFID/UFRGS

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu _____, Docente do Instituto Estadual de Central, tendo lido as informações oferecidas acima e tendo sido esclarecido (a) sobre as questões referentes à pesquisa, concordo em participar livremente do estudo.

Assinatura _____ **Data** _____

DECLARAÇÃO

Nome da Escola: Instituto Estadual de Educação Central

Nome do Diretor:

Endereço: Rua Porto Alegre, n.00001, Porto Alegre/RS

Telefone: (51) 33333333

Declaro que a Professora **Lisandra Oliveira e Silva** e o Estudante **Éder José Müller** estão autorizados (as) a realizarem coleta de informações para a pesquisa intitulada “A Educação Física no Ensino no Médio: estudos de casos na Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul”, a partir de julho de 2015, nesta Escola.

Tenho conhecimento de que a pesquisa objetiva aprofundar os estudos desenvolvidos pelo Grupo F3P-EFICE, utilizando o conhecimento acumulado sobre o Ensino Fundamental para investigar com o professorado de Educação Física o Ensino Médio, especialmente a Proposta do Ensino Médio Politécnico.

Para efetivar a coleta de informações os(as) pesquisadores(as) terão permissão para acessar e analisar documentos, além de realizar entrevistas com docentes da escola e observações das aulas e do cotidiano escolar.

Estou ciente de que os(as) pesquisadores(as) preservarão a identidade dos sujeitos colaboradores e observarão os procedimentos éticos no manejo das informações obtidas.

As atividades os(as) pesquisadores(as) deverão ser realizadas com planejamento prévio e sem prejuízo às atividades da comunidade escolar.

Porto Alegre, _____ de _____ de _____.

(Assinatura e carimbo – Representante Legal da Escola)

APÊNDICE C – ENTREVISTA TRANSCRITA

Entrevista n° 04

Local: Instituto Estadual de Educação Central (Nome fictício)

Data: 20/04/2016

Hora: 8h10min

Entrevistado: Professora Silvia - S (Nome fictício)

Entrevistador: Éder José Müller - E

Orientadora: Lisandra Oliveira e Silva - L

E: Pra começar então... É... Eu gostaria de... Hoje é quarta-feira, 20 de abril de 2016, agora são 8:11 da manhã e nós estamos aqui com a professora Silvia e... Professora, por favor, eu gostaria de... de pedir se tu teria como se apresentar pra gente falando tu mesmo o teu nome...

S: ...uhum...

E: ... a tua formação..

S: ...Ok...

E: ... como que tu... é, escolheu a Área de Educação Física, ou que que tu fez antes de trabalhar com a Educação Física, enfim, de forma assim um pouco geral, como a tua formação...

S: ...uhum...

E: ...comé que tu chegou até a Educação Física e onde tu te formou, qual a universidade.

S: ...Ok... Bom o meu nome é Silvia, né, eu sou professora então de Educação Física, fiz o curso de Licenciatura no IPA, no Instituto Porto Alegre na década de 80 e depois eu fiz uma es... logo após eu fiz uma especialização na UFRGS em lazer e recreação, logo em seguida. Hãn... Nessa época então, da faculdade né, por que a escolha de Educação Física, eu sempre gostei de praticar esporte, o meu pai era professor de Educação Física formado na UFRGS e fez a... o esporte, enfim, as... as questões relacionadas a parte física sempre fizeram parte da minha vida, né, e do meu contexto assim de rotina, de fazer atividade, de ir pra natação, de caminhar, de curtir, hãn... ir à praça, brincar, correr, essas coisas que se faziam, né. Então isso me oportunizou a gostar do... desse tipo de ambiente de estar ao ar livre, de... e observar as crianças, enfim. Quando eu comecei a amadurecer a ideia no Ensino Médio, eu fiquei pensando em dua... em duas coisas né, em dois cursos. A Educação Física e a Arquitetura e eu fiz o Ensino Médio mas a minha mãe queria que eu fizesse um curso de Magistério na época e queria que eu me... que eu fosse pro Instituto de Educação e eu disse pra ela, eu disse “não mãe, eu acho que não, se eu tiver que ser professora eu vou”... eu vou escolher, enfim, um Curso, uma Licenciatura, mas eu gostaria de fazer o Ensino Médio que tivesse relação com desenho por que eu gostava muito de desenhar e gostava da Matemática, não era “A Matemática”, mas gostava das aulas, ia bem e tudo. E aí eu... daí ela me inscreveu no Agostinho, fiz o curso de Desenho de Publicidade no Ensino Médio, que era o Científico na época né...

L: ...uhum..

S: ...e fiz os 3 anos, como tinha alguma coisa de desenho mas era relacionado com a Área de Publicidade mas enfim, era o que dava pra... pra ser. E aí eu fiz, gostei do Curso, achei interessante, mas na época do vestibular, eu pensei, eu digo “Bah!”, aí eu fiquei... e a mãe disse “ah, e agora o que tu vai fazer?” eu digo, pois é, arquitetura é um Curso bem disputado, é um Curso bem difícil, 5 anos, né, o material é bem caro, né, o meu pai já é, nessa época, bem nessa época eu perdi meu pai, e aí a minha mãe que então ficou conosco, ela é também professora e aí ela disse “quem sabe tu repensa a ideia de ir pra Área de educação por que tem mais oportunidades”, enfim, ela deu a opinião dela, né, mas deixou bem aberto. Então eu realmente no dia da... de fazer a inscrição penso, no vestibular, pensei... pensei e refleti e digo “vou fazer então pra Educação Física, se não der aí eu vejo, de repente faço em um outro momento pra Arquitetura”...

E: ...uhum...

S: ...mas eu sempre pensei em... em Educação Física, por que eu sempre gostei de Educação Física assim, sempre gostei de esportes. Aí fiz o vestibular, mas a minha decepção foi que eu reprovei na UFRGS no teste de pelota...

L: Ah... Na aptidão Física...

S: ...é...

E: ...É, naquela época tinha ainda...

S: ...de aptidão física, né...

S: ... a gente tinha que fazer os testes práticos, aí eu botei Educação Física e Pedagogia, né. Por que minha mãe também era Pedagoga, ela tinha feito na FAPA, enfim. Aí eu... eu treinei muito pra tudo, arremesso foi uma coisa super nova mas eu morava perto do Ramiro Souto, eu morava em Brotas e treinei, treinei, treinei, treinei, fiz o... mas não... não consegui no direito, no esquerdo eu fiz 13 metros, no direito eu rodei nos 26 por pouquinho. Não era pra ser, daí fiquei decepcionada, voltei pra casa, pois faz o vestibular, né, pra UFRGS enfim. Então aí a minha mãe disse “não, então tu tenta na outra faculdade, já que tu quer tanto”, eu já tava bem treinada, já tinha muita coisa não queria perder a oportunidade assim, ela disse” então tu te inscreve numa particular e vamos ver como é que fica”, e aí eu me inscrevi no IPA, fui muito bem por que eu estava bem fisicamente em todas, e as modalidades eram também bem é a... o nível de exigência

também era grande, só não tinha o arremesso, é corrida, natação...

E: ...sim...

S: ... rítmica, basquete, vôlei, tinha tudo né.

E: Isso no ano de 80 e?

S: E 4, 83, 82, 81 pra 82, que eu entrei em 83 né. 82 eu treinei muito, né, tá. Hãn... Então foi uma ...hãn... passei claro, né, fui super bem nas provas práticas e fui bem no vestibular teórico, eu fiz cursinho pra UFRGS né, mas aí também eu já fiquei um pouco decepcionada por que eu não pude fazer o vestibular pra UFRGS, mas fiz, mas já não... aí me foquei no IPA e fiz né, fui super bem classificada, minha nota foi lá em cima, e aí eu entrei no IPA, e aí a segunda, o segundo problema: como pagar a faculdade.

E: [Risos]

S: Aí eu tive, aí que apareceu a pronta... eu digo, bom agora eu vou ter que me virar e começar a fazer estágios remunerados né, pra minha mãe... a minha mãe ia pagar, mas eu sei que ia ficar bem apertado né. Aí então eu comecei a me inscrever em estágios na prefeitura, comecei a... aí eu trabalhei, consegui um estágio na FAST, na época que era... trabalhei em centro comunitário lá na... na... no CEPROVA, na zona norte, na Boca do Rio, depois trabalhei em parques e praças, eu tive vivência de tudo, tudo assim durante a... o Curso. Então eu consegui um estágio remunerado pra trabalhar com o Jardim, num centro comunitário.

E: Sim

S: Então na realidade a minha primeira experiência mesmo assim, começando a faculdade, foi numa... no Jardim de Infância.

E: Sim.

S: Né, onde eu era a professora deles. Então eu tinha que trabalhar tudo.

L: A professora da turma.

S: Da turma, não tinha que trabalhar só com umas... Que aí nós éramos preparadas, a funda... a FAST dava o treinamento, pra o... pros estagiário... pras estagiárias, por que eu tinha ingressado na faculdade, por que daí também fiz entrevista e fui selecionada.

E: A FAST era...?

S: Era Fundação... era uma... era... agora não existe mais, é um outro órgão, mas é um órgão dentro da prefeitura que ... geralmente...

L: Fundação de Amparo?

S: Agora não me lembro, Fundação, Socio... Fundação... o E eu não me lembro. Educacional, Sociocultural... uma coisa assim.

E: Sim. Aham.

S: Que atende o... as... o pessoal do bairro, por que o que que acontece, os centros comunitários tem piscina, tem aulas de Capoeira, aula disso, aula daquilo, várias modalidades, e aí tinha o Jardim de Infância.

E: Sim

S: Né, pras comunidades ali da... da volta, né. Então eu comecei ali, a trabalhar, claro que eu tive todo um treinamento, uma preparação, por que eu também não tinha o Magistério, mas isso eu falei na entrevista, né, contei a minha história, mas gostava de criança enfim. E aí eu fui selecionada, aí eu comecei, foi bem difícil assim pra mim, eu era jovem, por que eu entrei com 17 pra 18 anos na faculdade, tá. Fiz 17 na faculdade.

E: Sim

S: Então eu era uma guria nova, simples assim. Então foi difícil mas, nós tínhamos reuniões, nós tínhamos acompanhamento, tinha todo uma estrutura, né, muito boa. E o estágio era remunerado, era de manhã, então, então esse foi o ini... na realidade o início de aprendizado.

E: Aham

S: Né. Onde também, com o início da faculdade eu comecei a ver que no primeiro semestre do IPA tinha recreação, e aí a professora... e eu fui monitora na época da disciplina de recreação eu comecei então a me munir né, de tudo dentro da recreação, ler, aprender, pra começar a trabalhar com as crianças, que as crianças tinham 4 anos...

E: ...Sim...

S: Era uma turma de 20 alunos.

L: Foi uma experiência boa pra início de carreira.

S: Foi! Foi muito boa! Foi, foi. Por isso que eu disse né, os aprendizados né, nos levam a ter uma... foi muito boa... claro eu no início eu fiquei nervosa, eu tive muita dificuldade mas a gente...nós tínhamos reuniões. Aí nós tínhamos reuniões aos sábados no Centro Comunitário da Ribeira, no Vila Ipitanga, no CECOVILA pra até pra conhecer os outros Centros Comunitários e as jardineiras se reuniam com a coordenação pra... tinha que dar conta, tinha sempre que levar tudo... o nosso trabalho. Tinha que fazer os relatos, enfim, e nós tínhamos as reuniões.

E: Uhum

S: E eu acho que isso foi bem gratifi... foi muito gratificante e aí eu comecei então a ter a didática, comecei sem ter na faculdade ainda a disciplina de didática, a prática da didática...

E: ...sim...

S: ... com as crianças pequenas né, e usando toda a didática né, da... da Educação Infantil que tu tem que se apropriar assim, aprender, ler. E a recreação que ela faz parte da Educação Física. Bom, como eu...

L: Quanto tempo tu ficou lá Silvia?

S: Eu fiquei lá um ano, dois... Eu fiquei lá... não, fiquei só um ano. Então, e nisso fiquei... era o estágio era de um ano, aí tu sai. Aí o que que aconteceu, bom, terminou o estágio, me inscrevi pras colônias de férias, que naquela época o Estado tinha, a gente tinha treinamento lá no Celeste.

E: Uhum

S: Né, já era estudante de Educação Física, tava entrando, poderia me inscrever, poderia ser só do

Magistério e da Educação Física. Aí comecei a trabalhar em colônia de férias na praia, fiz 5 anos de colônia de férias. Eu fiquei um mês na praia, a gente trabalhava com um grupo de... teve treinamento pros estudantes, e a gente ia com o diretor e ficava um mês, eu fiz 4 anos em Tubarão e um em Canasvieiras.

E: Legal!

S: Essa experiência também foi muito... mas aí eu já estava um pouco ambientada com a faculdade e aí eu já tinha passado né, essa experiência. As crianças também eram selecionadas, com... hã... no interior... hã... crianças... hã... com classe média baixa, atendendo esse público pra proporção... oportunizar pras crianças, enfim, esse ambiente, né. E nossa experiência de trabalhar com eles 24 horas e folgar 24. Aí então nós tivemos reuniões, fui selecionada e fui. Chega lá, tu trabalha com o grupo que é muit... são muitas crianças né, então tu... o diretor divide os grupos... meninos... as... os recreacionistas masculinos e femininos e pra trabalhar, que daí as turmas eram divididas por sexo, por que eles dormiam, a ten... ficávamos em escolas, né, todas adequadas as salas de aula, com quartos, enfim, refeitório, tudo pra atender né o público, então nós ficávamos com o grupo feminino. Então éramos 2 recreacionistas pra atender eu acho que na época eram umas 30 crianças, mais ou menos, não chega 30. 25-30, não tô bem lembrada. Então nós ficávamos, trabalhávamos todo o dia, né, dormíamos e entregávamos a turma. E daí tinha uma rotina na colônia de férias, mas tinha também a parte de recreação de planejamento de jogos, de brincadeiras, teatro, dança na... de noite né, à noite. Então tinha uma rotina, de manhã tomava café, ia pra praia, faziam a higiene, nós ia... antes de ir pra praia, ia pra praia, nós dávamos recreação na praia antes das crianças entrar no mar, depois tinha... tinha o momento do mar, depois voltava, aí elas tomavam banho, a gente participava de tudo, almoçava, aí tinha o horário de descanso, depois tinha uma nova recreação, as vezes íamos pra praia à tarde, as vezes não e o momento da noite, que era o momento onde todo mundo se reunia no auditório, ou numa sala grande, ou no... no... na entrada das escolas que te saguão, pra fazer o momento da noite de integração né.

E: Uhum, sim.

L: No total eram bastante crianças?

S: Ah eram! Muitas! Acho que eram mais de 100 crianças assim que eram selecionadas nos municípios e iam pras colônias de férias no mês de janeiro e o mês de fevereiro, então nós ficávamos 1 mês né, então trocava o grupo. Oportunizavam 30 dias né. E as crianças também ficavam lá 1 mês e depois ia outro grupo. Tinha toda uma estrutura, tinha rouparia, tinha... lá elas recebiam roupas iguais lavadas e tudo, lavanderia, tudo! Né, elas não levavam praticamente, né, crianças pobres, quase

nada né. E aí então, essa foi uma experiência muito, muito boa, por que eu já estava... foram 4 anos que eu fiquei no IPA, foi 4 anos que eu fiz colônia de férias.

L: E era organizada pelo IPA?

S: Não! Pelo Estado! Pela... pela... pelo Celeste. Pelo um órgão do Estado na época Secretaria de...

L: A antiga Secretaria de Esportes

S: É, de esportes! Exatamente! Aí eu fiz uma aqui em Porto Alegre em dezembro, que eles ofereciam né, pequena assim, que as crianças entravam em férias e era lá no Celeste, nos pavilhões do Celeste, mas era só de manhã. Nós íamos, pegávamos a turma... daí era uma turma pra cada um assim e ficávamos a manhã toda com uma turma pra atender, né. E fiz depois as da praia. Então isso foi assim maravilhoso, o cansaço medonho.

E: Isso foi durante a graduação?

S: Durante a graduação!

E: Então, quer dizer... a... a experiência com recreação foi semp...

S: Foi enorme, tanto é que depois eu fiz... eu fui procurar o curso, por que aí eu trabalhei na, durante o verão as colônias e aí eu consegui um estágio no Ramiro Souto.

E: Sim

S: De um turno, trabalhava a tarde no Ramiro Souto. Por que como eu estudava de noite no IPA e eu morava ali em Brotas, eu consegui depois de um tempo entrar nos... nas... nos estágios de parques e praças, e aí eu fui pro Ramiro Souto. Aí trabalhei lá também, um tempo né, o máximo que eu pude. E aí também é outra vivência né, de parques e praças né, onde tu fica disponível pro grupo que está ali, na época, no caso, na década de 80, 85, 84, 84, 85, foi entre 83 e 86 que eu fiz toda essa trajetória, então a gente ficava também disponível pro... pra ver... chegava o grupo pra ir jogar, via assim, bom, vamos então organizar, vamos passar algumas regras de basquete, vôlei. Tinham... tinha umas senhoras que iam, uns senhores que iam pra conversar, jogar dama, por que né, hã... não era agora hoje, a diferença que é que vão os grupos de corrida...

E: ...sim...

S: ...e tem escolas que ocupam, não! Era pra atender.

L: ...Tem brinquedoteca...

S:... Tem brinquedoteca, tem sala de leitura né, então não! Era pra atender ali no momento quem ia pro parque ali, né.

E: Então mudou um o contexto da...

S: Mudou um pouco a proposta né, claro que eu acho que, né, hoje também a estrutura, foi passando o tempo, as coisas vão né, se transformando. Mas naquela época a gente ficava, tinha dias que por exemplo, dia de chuva, caia água, não ia ninguém. Aí ficávamos nós, eu a recreacionista, o coordenador, a outra professora, o... a tia merendeira, a funcionário, o outro, ficávamos

sentados conversando, as vezes jogavam um dominó. Eu acho que esse, essa interagir também, em conhecer essa vivência com essas pessoas também, por que...

L: ...Conhecer o grupo de trabalho...

S: ...Comecei a conhecer o grupo de trabalho! E a gente... nós conversávamos, hã... ríamos, enfim, ela fazia as vezes um bolinho e tra... e fazia pra gente merendar por que, vinha o inverno, tu tinha que fazer s vezes o final de semana tu trabalhava. O parque não fecha nunca, ou tu trabalha sábado ou tu trabalha domingo e o estagiário entra nesse... nessa rotina.

E: Sim

S: Né. E outra coisa também que me... veio também... depois a ... pensar a respeito da Educação Física, é que eu comecei a ver que era, que era bom, mas a vivência na escola, eu acho que eu ia me dar melhor, tanto é que eu nunca quis fazer concurso e trabalhar, que tem gente que adora trabalhar na prefeitura em parques e praças. Que daí também, hã... remete mais pra, no caso, a área do bacharelado né.

E: Sim.

S: E mais no nosso curso era junto, nós tínhamos poucas coisas, nós fazíamos muita coisa fora, a gente ancorava cursos, participava de congressos, seminários. E isso eu fui... eu fui buscar e minha mãe me proporcionou, enfim, eu fui à congressos no Rio, eu viajei durante a faculdade, pra até me a... conhecer, vamos supor, fazer um curso de musculação, fazer um curso dessa área do bacharel, que não era tão focado, o curso era bem licenciatura plena na época e era bem focada pra escolar.

E: Sim

S: Tá. Então é isso!

E: E... Então assim, a gente tá ouvindo aí que a senhora tem bastante experiência com recreação...

S: ...isso...

E: ... já atuou em outros contextos da formação...

S: ...é, aí me forme! Ai, desculpa!

E: Não, pode falar!

S: Aí me formei né, e aí saí do IPA e disse “bom, agora vou pensar em fazer uma especialização”, e minha mãe disse “pode continuar estudando”, enfim né. E me pro... e pensei em procurar a área de recreação que eu gostei muito e tinha bastante experiência, né. Então aí eu procurei a UFRGS, onde tinha Lazer e Recreação com a Lenea Gaelzer, fui pro processo de entrevista, de seleção e aí entrei na especialização. E outra coisa também, me fugiu, que nessa época que eu trabalhei no... em parques e praças, eu me inscrevi no... pra dar aula em cursos livres de jardineira, que como eu tinha experiência, já trabalhado com jardim e me formando na Educação Física, na época existia os cursinhos da, tinha a OMEP, a organização aquela mundial que trabalhava dentro do Rosário, tinha os cursos livres no centro, que atendiam o público de um, de um... enfim, de menin... de moças e moços, de pessoas

que tinham o Ensino Médio e queriam fazer um cursinho profissionalizante, aí tinha atendente de creche, jardineira, recreacionista, que naquela época era o auge, esses cursinhos. Aí eu fui também com meu currículo, já tentar ver se eu conseguia alguma coisa, e aí eu fui chamada, também num curso na Galeria Marcos, agora não me lembro o nome do curso. Bah, não consigo me lembrar, ah, tanto tempo. Mas foi muito bom essa experiência, entrei no curso, tinha uma carga horária, atendia as gurias que iriam ser jardineiras, contei toda minha exper... contava toda minha experiência aí do centro comunitário, como é que é, e é da Educação Física, da recreação, qual a importância de jogos e brincadeiras pras séries né... pras crianças pequenas começarem nesse mundo, dārãrã... Então isso também foi importante, por que aí eu como trabalhei 2 anos né, e trabalhava com... nós tínhamos reunião e também daí tínhamos palestras com o pessoal da OMEP, e aí tinha um professor que era psicomotricista que trabalhou, dava Psicomotricidade nesse curso que eu dava na disciplina de Recreação, e era um nordestino muito legal, o professor Dante. Então a ente conversava, ele tinha muito mais... Eu era gurua nova, tinha 21 anos, quando me formei tinha 20 pra 21 e ele era quase quarentão e ele tinha uma experiência aqui no Porto Alegre ha muito tempo, veio do nordeste, enfim. Então a gente conversava muito e tinha muito a ver a Recreação e Psicomotricidade, apesar de eu não ter tido Psicomotricidade com o Negrini na época do... do... da faculdade, por que o Negrini estava fazendo doutorado na Espanha, então aí outra professora que nos atendeu, né. Então, eu não consegui ter aula, eu lia muita coisa dele, eu sabia dele, ele na época era muito conhecido né, ele era o bambambam de...

L: ...Eu fiz meu estágio com ele na faculdade...

S: ... né, da Psicomotricidade, então eu não consegui, nós não conseguimos ter. E aí eu quando dei a aula, que foi uma experiência, nesse Curso eu fui convidada pra dar o Curso, uma vivência de recreação pras professoras de Santa Rosa do Sul, do município, da cidade de Santa.

L: Que legal!

S: ...Aí eu fui pra Santa, organizei todo Curso junto com... toda... tudo que eu ia trabalhar, junto com meu colega, mas aí só eu fui trabalhar, que aí a prefeitura pagou os cursos e tudo e eu fiquei dois... 3 dias em Santa né, então eu fiquei na casa de uma conhecida da época, enfim. E foi muito interessante, me ajudou assim a montar a estrutura, o foco né, da teoria e da prática mesmo, que eu trabalhava que o curso então era intensivo pras... pras professoras. E aí então também foi uma experiência muito rica pra mim, eu uma gurua nova dando aula pras professoras municipais de Santa Rosa do Sul. Mas tudo se aprende.

E: ...Risos...

S: Né, mas foi muito bom. Por que? Por que eu gostava muito na época e acho que me... me expressava, brincava, dizia, enfim. Hãn... sempre junto com a turma, montava materiais de sucata, hãn... explicava, a gente fazia as atividades juntas e isso aí elas não tinham no interior na época, enfim.

E: Isso era pras professoras de escola né?

S: Pras professoras que trabalhavam com Jardim de Infância no...

E: ...Jardim...

S:... na... nas... escolas municipais de Santa Rosa do Sul. Né.

E: Então aí foi o início das... do seu contato com as escolas então?

S: Exatamente! Foi aí o início. Aí que eu pude então começar a ter mesmo a vivência do ambiente escolar assim. Por que, o que que eu fiz com elas, primeiro na apresentação eu fiz um currículo, pedi pra elas contarem um pouco da vivência, como elas trabalhavam...

E: ...aham...

S: ... né. Pra mim poder depois então inserir assim a forma, daí contei a minha história, mas que não é... que era época de estágio no centro comunitário, que eu ainda não tinha a rotina de escola com turmas, que eu tinha feito estágio só pela faculdade, que eu fiz estágio lá no Colégio Ana Flor com séries iniciais, mas que eu também tive a experiência de fazer, de ser monitora da professora Zélia Campos de recreação durante 2 anos né, na faculdade, e também eu ia com a professora em diversos lugares, né. Por que eu era monitora, acompanhava, anotava, nós tínhamos reuniões na casa dela, então isso me proporcionou daí como eu... daí comecei a procurar fazer cursos quando tinha os cursos do Bagatini aqui no Colégio Bom Princípio, tinha sempre em julho. Tinha outros curso, aí eu procurava então me inserir, daí depois que eu fiz alguma coisa de dança, fiz alguma também... daí eu quis também conhecer a parte de metodologia na área da saúde...

E: ...aham...

S: ... fiz com um médico que trabalhava no Inter na época, o Murilo Ferreira.

E: ...sim...

S: ...fiz musculação, enfim, fiz um monte de coisa...

E: Então...

S: ...Muitas coisas...

E: ...daí...

S:...um monte de coisas vocês não?????...

E: ...risos... E no... e quando é que a senhora con... entra assim de fato hãn... na escola como professora?

S: Entro na escola particular, comecei direto na escola particular.

E: Isso foi em que ano?

S: Isso foi em ... me formei em 86, comecei a largar currículo nos cursos e escola particular e esperando os concursos.

E: uhum...

S: Né. E aí, nisso, num dos cursos que eu dei na Galeria Marcos pra professoras, tinha uma professora da escola Mesquita de Geografia, que queria abrir uma escolinha e estava fazendo curso de Jardineira. Aí me apresento, conversando, sou professora, fiz faculdade, estou entrando na especialização, aí no... depois ela veio falar comigo assim no final da aula: "tu não queres que eu mande um currículo lá pra minha escola? Eu trabalho na zona norte" Nem conhecia a zona norte, então nunca fui pra zona norte, morava sempre em Brotas, aí no Jardim Armação, nunca né... Enfim. Onde que fica a escola? Ah, fica lá na Vilas do Atlântico, na Luis Viana, atrás do Colégio SJ, perto da igreja CRD. Eu digo não, não tem problema, eu monto o currículo e te dou uma cópia. Ah eu já trabalho lá há anos, a escola é do Sindicato dos Metalúrgicos, eu sou professora de Geografia, é uma escola particular mas não é uma escola muito grande, é uma escola onde atende faixa etária de filhos de metalúrgicos, e eu acho que tem... tem... da Educação Infantil até o Ensino Médio. Ah, não tem problema! Fiz, encaminhei, no último ano de colônia de férias, estou na praia em Cassino, ligo pra minha mãe pra dar notícias do orelhão...

E: ...risos...

S: ... risos... A minha mãe, que bo que tu ligou. Por que mãe? Ah, por que tem uma escola te ligando pra te fazer uma entrevista e aí eu expliquei que tu tava trabalhando, se tu poderia chegar e aguardar. Elas disseram que sim. Ah, é a escola Mesquita então, por que a princípio só tinha uma vaga pra lá porque enfim, tava terminado o curso. Aí tá, voltei em fevereiro, eu liguei, aí eu entrei em contato com o diretor da escola e supervisor, na época, e ele não, vamos marcar, eu recebi teu currículo através da professora Zélia, gostaria de conversar, nós estamos precisando de professor de Educação Física para as séries iniciais, Educação Infantil e de primeira a quarta.

E: ...risos...

L: Pra ti a vaga!

S: Aí fui lá, fiz, e aí fui selecionada, não sei quantas pessoas tinham, enfim. Aí comecei a trabalhar, me formei em 86, dezembro de 86 em fevereiro de 87 estava na escola.

E: Já estava empregada na escola.

S: Trabalhei 13 anos na escola, trabalhei com Educação Infantil, Séries Iniciais e Ensino Médio e Treinamento de equipes, por que a escola disputava torneios em campeonatos, enfim.

E: Então nessa escola aí a senhora trabalhou 13 anos?

S: 13 anos!

E: E como é que a... Pode perguntar...

S: Tá, e aí a...

E: Né, eu ia perguntar como é que foi daí depois dessa escola, como é que a senhora chegou até aqui no Colégio Central?

S: Tá, bom, aí trabalhando na escola...

L: A gente quer ouvir um pouco da Mesquita, por que 13 anos é importante a gente te ouvir um pouco também né, por que tu falou aí que foi a tua primeira experiência, o que que tu aprendeu lá, como é que tu foi...

S: É, aí realmente foi um aprendizado, por que trabalhei anos com as séries... mas aí assumi a Educação Física da Educação Infantil, então eu tinha planejamento com as professoras da Educação Infantil, pra ver a proposta que se quer ir nos planos delas, o que que elas trabalhavam, a rotina e os temas que elas desenvolviam, enfim, por que tem que articular né, e a... pra me inserir na atividade recreativa com as crianças né, por que lá tinha Jardim A e B. Né, então eu tinha turminhas de 4 e 5 e 5 e 6, né. E de 1ª a 4ª também, de 1ª à 5ª, por que na época até englobava. Eu trabalhava com... então eu... daí meu colega que também que era professor foi selecionado e entrou no mesmo ano que eu, nós entramos juntos, só que ele era mais velho, enfim, tinha mais experiência, e também sentávamos pra planejar com as Séries Iniciais, né, o que trabalhar. Hãn... Acho que foi muito importante por que? Hãn... Na época a exigência era muito grande, né, da escola. Hãn... Tudo passava pela... Tudo nós tínhamos que apresentar os planos pra Supervisão, né, e éramos cobrados, naquela época, escola particular. Hoje em dia, também é proposta das escolas né, mas enfim. Mais a... era... tínhamos reuniões semanais, os problemas que aconteciam nas aulas, nas aulas... durante as minhas aulas ou a delas, tudo era falado em reunião, e se colocavam as coisas assim pra gente poder resolver né. Hãn... E claro, as turmas eram muito grandes, né, foi um trabalho assim bom, mas cansativo né, eu fiquei bem desgastada, na época o que eu queria...

[Apito sinalizando final de 30 minutos....]

S: Eu fiquei muito cansada, por que o que que aconteceu? Comecei a ver por que eu alterar... eu fica... eu usava o tom de voz muito alto e as turmas eram muito grandes no pátio. E isso tava me prejudicando, eu tive um problema de cordas vocais seríssimo, nessa época. Muito sério! Tive que ficar de atestado, por que o que que acontecia, eu não tomava água, ficava no pátio 5 períodos e tinha que... tinha que atender a turma, a turma era de 35, 40 alunos e era assim ó, tinha que usar o apito e berrar, mas não assim por problemas de indisciplina, pra poder organizar e dar conta da aula e como eu era nova, recém formada, numa escola particular, então eu via que a coisa tinha que ser mostrar, e aí eu me prejudiquei por que eu comecei a ficar muito ruim com dores nas cordas vocais, tive que procurar um médico, aí ele mandou eu parar totalmente uns 10 dias, pra se eu não quisesse depois partir pra uma cirurgia, tava detonada as minhas cordas vocais, então eu tive que ficar em casa tomando muito líquido, sem falar, aí levei atestado, enfim, mas fiquei aqui né, eu digo, ah não acredito mas.... Não, tudo bem, não tem problema

nenhum, a gente vai reorganizar, e aí eu comecei a pensar. Hãn... Bom, eu vou ter que mudar um pouco o meu jeito de trabalhar, mas isso a gente só aprende na prática. Ai não tem como.

E: ...Sim... Risos...

S: ... Ai, eu disse meu Deus! Mesmo que tu leia, que tu pense nas experiências anteriores, como que tu... toda tua trajetória até ali, bom, eu nunca trabalhei em uma escola com turmas grandes, com crianças assim, enfim, muito. Aí conversei... Voltei, digo não, conversei com meu colega, o Pablo, bah Pablo. Não, tu vai ter que mudar um pouco, por que eu já tenho um tom de voz alto, é da minha natureza, e o Pablo bah, não é... Mas vâmo vê assim, tenta fazer algumas combinações com eles antes, vâmo tentar pra te ajudar. E aí eu comecei mesmo, pensar, bom gente, eu vou fazer a chamada. E aí o Pablo no início, olha a professora ficou afastada, enfim, nós vamos passar den... a organização da aula, vamos fazer um aquecimento, vamos depois fazer uma ativ... uns alongamentos, eu vou ajudar, vou comandar, depois a professora vai começar, recomeçar. E aí foi indo, e aí os alunos também foram vendo que há nec... que não há necessidade da professora estar naquel... gritando e pedindo silêncio, usando o apito, daí mesmo eles gostando de Educação Física, que que eles poderiam começar a aprender também a mudar um pouco a postura. E aí, foi um trabalho de formiguinha, aí foi começando a melhorar. Aí a profe... comecei a mudar um pouco com as aulas... mudar as aulas não, mudar a minha maneira assim de... hãn... conduzir né.

E eu acho que isso foi muito interessante, por que? Por que eu comecei a ver que o professor pode sim, também, trabalhar mas fazendo com que os alunos entendam o que, como ele pode chegar a dar uma boa aula e chegar, contemplar os... sem precisar usar de outros mecanismos né. Tá, aí foi, consegui levar bem. E a professora que atendia os maiores na época, acho que trabalhei uns 2, 3 anos com os pequenos, 4. E aí depois ela saiu e aí eu assumi também os fundamental até 8ª série, as meninas. E aí apareceu a oportunidade de treinar as meninas. Mas aí a direção, a supervisão, os coordenadores, disse olha, vamos começar a disputar torneios, a professora Débora está saindo, diminuindo carga horária, aí queríamos conversar contigo. Outro desafio, por que até então eu nunca tinha feito isso, eu tava ali dando as aulinhas ali pros pequeninhos, e aí tu vai e assume as gurias de 7ª e 8ª com Handball.

L: Treinamento?

S: Treinamento! Aula e treinamento. Handball era uma... digamos uma modalidade que eu não me identificava, achava muito bruta com baquete, eu gostava mais do Vôlei, das corridas assim. Eu digo, Handbal... E o Pablo: Não, tranquilo! Tranquilo pra ti que é homem e que tem os guris, e eu? Não mas vâmo... vâmo estudar, vâmo treiná, vâmo vê, não te

preocupa. Mais as gurias tem potencial, tem umas gurias boas e tudo. Eu digo Pablo, eu nunca treinei equipe, mas sempre tem uma primeira vez. Peguei as gurias, comecei a estudar todas regras de Handball, parte técnica, ler, ver vídeos, pensar, ia assistir jogo de Handball quando podia e conseguia. Tinha um colégio com um colega meu que trabalhava nas Dolores, na época trabalhava com os pequenos mas tinha Handball, consegui falar com o professor. Fui lá, assistir nas Dolores o treinamento. Comecei a treinar, tinha que treinar, levei as gurias pra disputar torneios e, enfim. Dava aula e treinava. E aí apareceu depois então... Aí também eu descobri que eu tinha uma afinidade para treinar as equipes masculinas.

L: Tu era uma ótima técnica de Handball... risos...

S: Voleibol! O Handball, me identificava, gostei das gurias, aí teve o momento masculino. Tinha muita gente, aí o Pablo disse, nós vamos ter que dividir as equipes. Aí fui pro Voleibol do Ensino Médio masculino.

L: E aí que tu começa no Ensino Médio?

S: E aí que eu comecei no Ensino Médio, exatamente! Aí eu comecei no Ensino Médio dentro do Colégio Mesquita, treinando. O Pablo dava aula pra eles e eu treinava, foi muito bom. Aí eu me identifiquei, que eu gosto muito do sexo masculino pra trabalhar. Pelo menos aquele momento, assim eu gosto mesmo, tenho... Aliás eu tenho muita facilidade pra conversar com os... com a gurizada, com os gurus do que com as gurias.

E: Sim

S: Impressionante. E não foi à toa também, que eu quando eu fiquei grávida, que eu queria ter um filho homem. Eu tenho uma tendência para o lado masculino.

E: ...Risos...

S: Aí eu fui pro... Bah, foi ótimo! Vôlei eu adorava! Joguei Vôlei também e tudo, e os gurus do Ensino Médio na época, uns gurus muito bons, participativos, sabiam, gostavam daquilo que estavam fazendo, foi ótimo! Ótimo! Excelente!

E: Sim

S: E Futebol ficou com o professor. E eu fiquei com o Voleibol masculino e Handebol feminino.

L: Uhum...

S: Nisso, faço concurso para o município de Mondaí, e sou chamada. Comecei... continuei trabalhando na escola Mesquita e trabalhei no município de Mondaí, numa escola de Ensino Fundamental, lá na faixa de Içara, né, no meio do mato, né, perto do Parque dos animais, onde eu trabalhei então 5 anos com Ensino Fundamental, de 5º a 8º ano. Vivência escolar de escola municipal com pouca, né... com muitas carências, não tínhamos quadra, íamos pro campo na frente da escola, uma área verde né, pouco material pra trabalhar, e, aí comecei então junto né, outra realidade né, de trabalhar dentro da escola particular, tu ter tudo que é material, né, a clientela

é totalmente diferente, mas foi uma vivência muito boa também né.

E: Lá a senhora ficou quanto tempo?

S: 5 anos. Aí me exonerei por que fui chamada no Estado, aí 80 e... 95, saio do Município e entro no Estado, na rede estadual. E continuo na escola Mesquita.

E: Ah, sim.

L: Uhum...

S: Tá. Só que aí a minha carga horária no Mesquita já tinha diminuído e eu não estava mais com os pequenos, eu já estava com o final do fundamental e Ensino Médio, que era no fim, que eu comecei a ver que eu me identificava muito com o Ensino Médio, que aí eu comecei a dar aula pro Ensino Médio nos treinamentos. E aí eu vi que a coisa era, que eu realmente gostava, conversava com eles, nós tratávamos de vários assuntos durante as aulas, enfim. Eu tinha uma amizade com, na época, com o pessoal do Ensino... Né, com a gurizada toda do Ensino Médio. E trabalhava então no Estado, né, comecei no... Em Mondaí e Forquilha, por que eu fiz concurso pra 28ª na época, lá por que tinha menos... Eu fiz em Porto Alegre mas não fui chamada. Tá, por que a minha nota... Fui bem mas na época era, a procura era imensa, e o concurso durou 4 anos e não, eu não consegui ser chamada, faltou pouco. Aí eu fiz pra lá, e meu colega, vamo fazer lá pra grande Porto Alegre, lá não tem quase ninguém, logo tu é chamada, me deram um toque, não sei o que, vamos fazer. Nós fizemos, eu e ele, fomos chamados, que eu tirei, eu e ele tiramos 1º e 2º lugares na época, eu fiquei com a área 3 com o 1º e 2º lugar e ele também, eu sei que nós dois ali fomos super bem, por que nós tínhamos estudado pra Porto Alegre e aí fizemos lá. E aí logo fomos chamados, nós trabalhamos juntos em Forquilha, numa escola de Ensino Médio...

L: ... e aí tu continuou em Mondaí e em Forquilha não?

E: É, mas não! Forquilha, Mondaí, Forquilha faz parte de Mondaí no co...

L: ...não, mas na prefeitura de Mondaí tu não tava mais?

S: Na prefeitura eu me exonerei né, por que eu aí optei pelo Estado, na época e o Mesquita. Por que daí de repente haveria possibilidade de eu vir pra Porto Alegre né, aí tudo bem, eu era solteira, moça, mas assim, não ficar... Eu fiquei pensando, bah, ficar eternamente aqui até me aposentar, depois pode eu casar, ter filho, a vida muda, acontece tudo assim, bah, por enquanto não, mas né, aí fui, fiquei lá mas tentando sempre procurar uma oportunidade de vir né, minha mãe ficando mais velha, enfim. Aí trabalhei então em Forquilha 8 anos, e em Mondaí, daí eu fiz outro conc... fiz dois concursos né, lá. Um eu fui chamado em março e outro em maio, e aí um eu assumi a escola de Forquilha e outro eu assumi a escola de Mondaí, que era o Ribeiro Borba, bem no centro de Mondaí. E a

minha carga horária diminuindo no Mesquita por que? Estavam passando por uma fase delicada, a escola tava muito cara, os filhos de metalúrgicos não pagavam, e aí nós... a direção nos chamou por que nós tínhamos que dividir toda da Educação Física, então a proposta era, ou diminuir ou alguém tinha que sair, e aí nós diminuimos, e aí nós fizemos concurso, então eu e o Pablo atendíamos o Mesquita e a grande Porto Alegre ali, as escolas. Só que eu tinha 40 e ele tinha 20, mas depois ele pediu, pegou um contrato aqui em Porto Alegre. Aí eu trabalhei, continuei trabalhando até sair do Mesquita, por aí então afunilou, eu não tinha mais interesse, por que eu tava muito sobrecarregada com o Estado, e aí eu ia casar, enfim, tinha outras prioridades e aí não valia a pena eu ficar com uma carga horária na escola, a escola já ia assumir uma cooperativa de professores, tavam pensando em assumir o fundamental, por que a escola, a demanda da escola não tava recebendo verbas, não tava entrando... a inadimplência tava grande, enfim, problemas burocráticos também interferem na... no quadro de professores, em tudo na escola, funcionários, professores né. E aí então eu optei por sair, ficou só uma outra professora que entrou depois, o Pablo também saiu, e aí eu fiquei 40 horas no Estado. Fiquei só lá, trabalhando em Forquilha e Mondaí, até que eu consegui, depois então, depois de 8 anos, vir pra Porto Alegre. Eu já tava com filho pequeno, minha mãe começou a ter problemas de saúde, aí eu consegui vir à Delegacia de Educação, na época, conversar com a delegada que assumiu, né, uma ficou anos né, não conseguia me liberar, daí a outra que assumiu, eu fui lá, contei toda a minha história pra ela e daí ela me liberou.

L: E tu veio pro Central?

S: Não! Eu, daí eu... isso que eu queria dizer. Eu consegui vir assim, quebrado. Eu consegui vir pra Porto Alegre pro Pedro de Farias, na Nação, e consegui vim, via troca, permuta com um professor de Porto Alegre, da prefeitura que era de lá, e eu assumi então o Hermes Viana, uma escola municipal cedida, por que ali a diretora do Ribeiro Borba de Mondaí, eu conheço um cara que mora aqui, que quer vir pra cá e tá lá, vamo vê o que que eu posso fazer por ti, aí ela conseguiu. Então eu vim via permuta, daí também a minha trajetória na escola estadual de Porto Alegre e na municipal de Porto Alegre, 2 anos. Não ganhando salário da prefeitura e vivendo a história da prefeitura municipal, por ciclos. A Educação Física nas séries iniciais, aí fui conhecer, fui conversar, ter reuniões com as professoras né, da Escola Hermes Viana por que sabiam que eu era cedida, a diretora lá na primeira reunião disse “estamos recebendo a professora Silvia”, cedida do Estado, vindo lá da 28ª, então depois me passou para os professores de Educação Física, pra mim conhecer também a proposta de trabalho da escola ciclada e como é que elas trabalham. Aí foi um desastre total.

L: Por que?

S: Por que eu não consegui trabalhar! Muito difícil! Primeiro eu comecei a observar as aulas das professoras, elas não conseguiam, da dificuldade que é a proposta ciclada...

L: ... que ano que era isso Silvia, só pra gente depois...

S: ...90...

L: ...era bem no início dos ciclos...

S: Não! Era... Não! Não era tão no início... [pensando]

L: 96

S: ...99, 2000, eu não sei que ano começou mas não era bem no início dos ciclos...

L: 92 começou em todas escolas.

S: ...Não, era 90... 99, 2000...

L: ...2000 todas escolas passaram a ser cicladas...

S: ...É, então foi 99/2000...

L: ...uhum...

S: Tá, por que depois eu engrav... foi do... é, eu entrei no final de 99, fiquei todo 2000 e o início de 2001 por que quando eu engravidei, quase todo 2001, por que eu sai quando o Pedro nasceu. Aí foi muito ruim! Eu achei muito ruim! Eu não conseguia trabalhar, não conseguia dar uma aula. As crianças corriam o pátio, não queriam, a gente não conseguia ter... eu não conseguia... nem... mas eu vi que as outras professoras mais antigas tinham muita dificuldade, assim, de desenvolver o planejamento, de dar uma aula assim, de mostrar os jogos, brincadeiras, conversar com as crianças. A gente não conseguia. A clientela é muito difícil, filhos de presidiários, de pais drogados, as crianças sabiam coisas, imagina na época lá, coisas que eu nunca tinha ouvido falar. Eu não tinha ouvido falar! Ah, era horrível assim, as crianças de 2ª, 3ª série, elas corriam, falavam nome, falavam aquela linguagem de tráfico, de droga, da vivência deles, do mundo deles, e não queriam... colégio? Tavam ali por que tinham que tá, como ficavam na escola o dia inteiro, comia merenda, almoçavam, mas eles iam pro pátio, eles corriam, berravam, começavam a subir no muro queriam imitar o homem-aranha, imitar isso e aquilo e eu disse Luíza, minha colega, Luíza... Silvia, fica bem... É assim! Alguma coisa tu vai conseguir depois, tu chama eles, dá uns 5, 10 minutos de uma brincadeira, depois eles ficam assim, tu não consegue. E eu já tive aquele problema de cordas vocais seríssimo, tu acha que eu ia tá gritando, berrando naquele pátio imenso do Hermes Viana, eu só olhava... Aí foi uma... foi um balde assim de água fria dentro de uma escola. Eu disse meu Deus do céu, o que que é isso? E eu disse assim, bom, no momento aqui é passagem né, eu tô aqui por que eu optei, optei por uma escola estadual da rede estadual de Porto Alegre, não acredito que vai ser assim em Porto Alegre, por que lá na rede estadual das escolas pequenas lá em Mondaí, Forquilha eu conseguia trabalhar, aqui não. Bah, foi um ano e meio, dois, assim quase...

pesadíssimo. E tínhamos reuniões, planejamento, pra que? Tu não conseguia! Aquele sol escaldante, eles pingavam, corriam, gritavam, aí chamava “vamos brincar um pouquinho, pular uma corda”, tudo aquelas coisas na... não pensa que eu conseguia dar uma aula assim orientada e tinha o material e tudo, não! E quando chovia e tinha que ficar na sala de aula, na área coberta, dividindo, as crianças gritavam, gritavam, gritavam...

L: E foi um choque de cultura e um choque pedagógico né, que a gente...

S: ...Choque peda... total pedagógico!

L: ...vê quando conversa com os professores da rede...

S: ...Total! Total! Me decepcionei!

L: Por isso que tu nunca fez concurso pra prefeitura?

S: Por isso!

L: ...eu tinha essa pergunta pra te fazer.

S: ...Fiz, fiz, até! Fiz, fiz concurso, por que eu já estava... Antes de ir pro Hermes Viana, eu fiz um cursinho pra fazer concurso pra prefeitura, e até estudei, não estudei mais por que foi na época que eu ganhei o Pedro, mas fui bem! Acho que por duas questões eu não entrei na prefeitura. Foi assim, uma... né. Me superei até, eu achei assim né, mas o que que eu tava pensando, acho que o meu inconsciente... dei graças à Deus! Eu ia pedir licença e ia sair, se eu tivesse que trabalhar assim com a Educação Física, não me servia, não! Depois de tu dar aula, em cursos, depois de tu trabalhar em centro comunitário, vivência em escola particular e estadual de lugares menores, chegar naquilo ali era loucura, pra mim aquilo ali era loucura! Era pra louco! Eu não me disponibilizava pra aquilo ali. Terminou, voltar pra... Aí me conseguiram a rede estadual, aí eu vim pro... pra outra escola ruim, o Heitor Gomes no Jardim das Margaridas, eu fiquei ali meio ano, que também atende ali numa vila muito difícil, também não consegui fazer muita coisa com o pessoal de 5ª e 6ª série ali, aí apareceu a vaga que eu precisava de uma escola de 40 horas, o Central. L: Que ano tu entrou?

S: Ah, eu entrei aqui em 2004, 2005. 2005! Aí apareceu a vaga pra mim vir pra cá 40 horas, trabalhar com o Magistério. Didática com a Educação Física e Supervisão de Estágio. A vaga...

L: Então só aqui no Central tu já tá aqui a mais de 10 anos...

S: 11 anos, 12 anos!

L: 12 anos...

S: Aí a minha vaga veio pra cá pra Magistério...

E: Magistério...

S: Outro desafio! Que até então eu só tinha trabalhado com Educação Física, né. Escolar. Chego aqui a vaga é pra Magistério. Aí quando eu fui lá na CRE, ela disse “olha, tem uma vaga, a diretora do Central tá aqui, só que é pra Magistério”, Magistério? Bah, mas eu nunca dei aula... Ela disse: “Não, tu vai dar a didática da

Educação Física, olha a tua experiência em Educação Física”, a que me atendeu lá na CRE, muito querida. Mais não! Tu vai montar, ou tu vai trabalhar com as meninas, ensinar como é que elas tem que trabalhar a prática da Educação Física nas séries iniciais, tu vai trabalhar com Supervisão, outros Supervisores vão te dar o suporte, quem começa assim nas escolas assim da rede estadual é assim, tu vai aprendendo daí depois né.

[Nesse momento a professora Silvia levanta e fecha a cortina e pergunta se está escuro, dizemos que não e ela senta novamente.]

S: Hã.. Aí venho pra cá, então, fui apresentada ao grupo do Magistério e, claro que tinha outra professora mas o professor que era professor supervisor, optou por ficar só com o Ensino Médio, o professor Bento, não valia a pena mais ficar supervisionando o Magistério, que o Estado não pagava a gasolina, tinha que sair, se deslocar e ele não quis mais, aí ele queria só ficar aqui dentro da escola com o Ensino Médio, aí surgiu a vaga. Então eu fui. Aí nisso, com a outra professora, nos sentamos, ela me passou todo o material e conversas e reuniões e aí tu pega todo o bloco e começa a re... começa a estudar novamente, por que até então tu tem que trabalhar com a didática. Todo conteúdo de didática e trabalhar a prática né, a prática eu já não... eu digo, o problema é dar as aulas teóricas de didática, estudar e... um desafio. Mas aí fui né, pesquisando, lendo, ouvindo, e aí fui, comecei com Magistério diurno, depois ainda fui pro noturno, por que quando a professora entrou em licença, tava pra se aposentar, a Mila me pediu. Eu digo, olha Mila, no semestre, eu tenho filho pequeno eu não tenho com quem deixar, meu marido trabalha à noite, um semestre eu ainda... Vim, atendi o Magistério noturno, atendi o aproveitamento de estudos, e daí trabalhava com a supervisão de Estágio, que eu adorei a Supervisão de Estágio. Adorei o Magistério, foi uma experiência ótima, adorava dar aula, que depois que tu começa, o grupo também tem interesse, as né, o grupo, as turmas de Magistério o pessoal queria pra ser professor, aí é outro nível também, pra ti trabalhar, por que aí tu consegue dar as tuas aulas, eram bem enriquecedoras por que a gente também fazia assim, conversas, fazia seminários, então ouvia muito as gurias e os guris também, por que tinha meninos né, poucos mas tinha. Aí foi uma experiência ótima. E a prática, como eu já tava, já trabalhava, trabalhar com os... ensiná-las como é que é, contando a minha experiência toda, foi muito bom, né, tranquilo. E aí trabalhei até terminar o Magistério aqui em 2011. Encerrou o Magistério, eu fui para o Ensino Fundamental e Médio. Eu não queria mais voltar para o Ensino Fundamental com os pequenos, mas pra preencher a carga horária, tu tinha que ficar com 40 horas aqui, aí a Mila me colocou de tarde com algumas turmas de 5ª e 6ª série, entre a sexta e ... aí sexta série é... também é

bem difícil. Daí voltei, depois de anos trabalhando com Magistério e com adulto, com supervisão, indo nas escolas, tendo grupos de estagiários pra supervisionar, tendo aquele contato com supervisão de escolas né, é diferente, observando as meninas em sala de aula, dando aula, dando planejamento, tu volta pra Ensino Fundamental, 5ª, 6ª série, as turmas lotadas. Que aí já começa aquela realidade né, os problemas, começa a pensar que já... as mudanças dos alunos, o perfil dos alunos que não é mais como antigamente, antes.

E: Aí a senhora começa dar aula só de Educação Física em 2011.

L: Só de Educação Física... aham... de... aham.. só 2011, 12... Até no ens.... Aí fiquei dois anos, aí "Mila, pelo amor de Deus, por favor", aí me passa pra... aí o Bento se aposentou, veio a Clara, a Clara pegou algumas turmas do Bento do Fundamental e aí eu fiquei com algumas do Médio da... Da... Não, não fiquei nem com Médio, fiquei com Fundamental e ainda fiquei com a minha carga horária maior de manhã e pouca de tarde. Daí até que consegui vir pra de tarde, a Clara, a professora Clara saiu e deixou o Médio pra mim, foi pro... Aí fiquei com o Médio de tarde.

L: Que ano Silvia?

S: 2013... 2012... 2012, já, quando eu tava... quando eu entrei no PIBID, eu já tava com o Ensino Médio da tarde, 2012.

L: Tá, então esse Ensino Médio nos interessa né Éder?

S: Isso, agora começa com o Ensino Médio.

E: É, agora... agora a gente começa a chegar na parte do... na parte do foco assim da...

L: ...então tu já entrou no Médio com a Proposta do Politécnico?

S: ...quando eu entrei no Médio...

L: ... não sei se era a pergunta que tu ia fazer... [se direcionando ao entrevistador]

E: ... Não! Eu ia dizer que agora a gente começa a entrar ali no foco da... do Ensino Médio...

L: ...claro...

E: ...no foco da nossa investigação, que é tentar entender como que é o Ensino Médio né, como é que tá acontecendo o Ensino Médio, desde a mudança do Politécnico, que em 2011 ali começou né, então assim, é uma pergunta que eu vou te fazer de forma meio geral assim...

S: ...sim...

E: ... é como é que acontece assim, as aulas de Educação Física dentro assim que... em 2011 tu passa a dar aula de Educação Física aqui no Central, e daí como é que se... como é que tu estrutura assim a aula, como é que começou a ... o planejamento das aulas nessa época assim como que, o que que mudou?

S: ...sem o Politécnico ainda, no início, por que eu ainda dei, eu me lembro ainda trabalhei com eles sem a politecnia. Por que o que que acontece, a politecnia, os alunos do 3º ano se formaram ano

passado em 2015 né, então 2015, 2014, 2013. Na realidade, nós começamos aqui em 2013, a politecnia no Central. Então em 2011, 2012, aula de ensino de Educação Física normal, tá? Com a proposta pedagógica da Educação Física, desenvolvendo as modalidades esportivas, a parte de atividade física, e eu sempre gostei de também trabalhar um pouco da parte da saúde, primeiros socorros, e nisso eu já comecei a dar aulas teóricas, enfim, trazer coisas pros alunos começarem a entender, a aprender a ver que a Educação Física não é só correr atrás da bola, não é só futebol, vôlei, ou basquete e handebol, tem todo um contexto mais importante que aí envolve a parte de lutas, ginástica, parte de dança e existe a parte da importância da questão alimentar, da questão física, e aí eu comecei aos poucos inserir isso na conversa com os alunos, sem essa... dessa mudança da politecnia, então eu trazia assim, primeiros socorros, coisas básicas que podem acontecer, que vocês tem que saber, se machuca um colega de vando, o que vocês podem fazer pra ajudar. Então essas trocas, essas... eu já... inseria na... no planejamento da Educação Física no Ensino Médio.

E: Daí com o início com do Politécnico, ali em 2013...

S: ...ali também foi um balde de água fria...

E: ...como é que assim ó, vou te fazer uma pergunta...

S: ...sim...

E: ...meio ampliada aqui do bloco que eu tenho de questões né. Com essas mudanças assim, o que que começou aparecer de desafio, o que que mudou, o que que tu entende assim da Proposta, o que que diz a Proposta e o que que tu teve que mudar, né, quais foram as adaptações que tu teve que fazer, é a interação com os colegas de trabalho e os professores, a inserção da Educação Física na Área das Linguagens, isso tudo nos interessa muito por que é o objetivo do estudo né.

S: ...Claro, vocês tão bem... Tá. Bom, aí foi também um balde de água fria por que foi uma mudança radical, pra nós professores da rede estadual, receber essa mudança, né, essa prop... o aluno Politécnico, nem... hã... o que que é a definição da Politecnia? Não era nem o aluno com formação de Curso Técnico, nem só com a base do Fundamental, eles queriam um meio termo, pelo que foi no passado, das reuniões que nós tivemos aqui na escola. Então o aluno teria um diferencial no Curso do Ensino Médio da rede estadual. Um aluno... a proposta de ele ter uma visão mais ampla de trabalho, depois né, de sair pra trabalhar né, não sair só com o foco de estudar pra fazer vestibular.

E: Preparação para o mundo do trabalho.

S: Preparação para o mundo do trabalho! E aí foi difícil né, pra nós, por que? Por que nem eles enten... pelo... a capacitação que o Estado montou, as pessoas que foram responsáveis por isso tinham

acho que capacitação, enfim, ou estud... não sei, pra passar pra supervisão, pras coordenadoras, pra depois chegar nas escolas. Por que uma coisa é tu pensar numa mudança a nível teórico e prático, mas assim, conduziu, passar os conhecimentos, como tu queres, e outra é tu estar ali né, na escola, dentro da... do contexto das aulas...

[Apito sinalizando final de 30 minutos....]

L: Pode seguir, que ele tá gravando ali...

S: Tá! Então hã... nós fizemos assim, várias reuniões, por que? Por que foi por Áreas de conhecimento, como nós vamos trabalhar com, vocês vão ter que trabalhar tendo uma... um eixo, né, um eixo, e dentro disso, todas as áreas vão ter que tentar fazer o trabalho interdisciplinar. Aí começa a interdisciplinaridade, que nunca havíamos trabalhado. Conhecíamos assim, sabíamos do que se tratava né, temas transversais, temas também né... enfim... Aí a... aí nós começamos a pensar, a Bárbara a supervisora disse que primeiro vocês assim Códigos e Linguagens, a Educação Física faz... ela dividiu como é que era pra ser, passou em várias reuniões, tivemos várias reuniões com Power Point passando todo aquele material...

E: ... Isso reuniões dentro da escola? Não veio ninguém da CRE?

S: Dentro da escola! Nada! Não, não veio ninguém da CRE. A CRE fazia capacitação pros supervisores, diretores, enfim, e a supervisão, orientação, coordenação vinha pra cá e passava. Nunca veio ninguém da CRE aqui. E aí tem as coisas assim ó, o que uma pessoa pode entender também no seu treinamento, como a supervisão, a orientação, passar também pra nós e nós termos esse entendimento e também tem muito confronto em reuniões, de conversar, dos professores de como é que nós vamos fazer? Não, mas vocês tem que fazer. Mas como? E aí meio assim, discussões enfim, acirradas, pra poder colocar, por que nós entendemos que foi assim uma... goela abaixo isso aqui. E nós tínhamos que estar disponíveis pra estudar, pra pensar, pra ler, pra montar as aulas da Politécnica, pra chegar no trabalho interdisciplinar. Bom, primeiro nós vamos tentar fazer uma coisa aqui, dentro da... de Português, de Educação Física, Educação Artística, tentar fazer alguma coisa pequena aqui, depois nós vamos passar pras outras áreas de conhecimento. E aí nós fomos descobrindo que o... foi nos chegando que nem todas as escolas sabiam como trabalhar e também trabalhavam de formas, pensando de formas diferentes pra trabalhar. Então nós quando conseguimos hã... pensar assim, escolher um tema por trim... primeiro não foi nem por trimestre, a gente escolheu acho que um tema pra tentar fazer algum trabalho, um trabalho durante um ano, acho que no primeiro ano, por que tinha muitos professores novos também, muita gente chegando e não sabe... então a gente escolheu assim um tema e fomos mais ou menos tentando, dentro das aulas, tu dar uma pincelada.

E: Pra todos os anos?

S: Pra todos os anos! Tá? Pra todos os anos! Agora se realmente aconteceu assim a quantidade, eu não sei te dizer. Eu trabalhei um pouco, esco... me lembro assim, peguei algumas coisas teóricas que eu poderia levar pro lado da Educação Física né, e aí algum texto, assim que tinha pra mim trabalhar e ver a posição também dos alunos assim, e a gente fez isso assim, e aí claro, com a bagagem um pouco dessa experiência, depois a gente teve reuniões pra avaliar o trabalho, pra ver até que ponto foi positivo, e não mas igual, teve que continuar com a politécnica, como é que a gente poderia... Que daí foi difícil pensar assim, bom como é que nós vamos nos reunir, nós não temos reuniões semanais pra estudar planejamento, discutir planejamento, né. Na proposta aqui administrativa, da escola eram reuniões quinzenais à noite, e as vezes era geral, não era nem com o grupo então ficava e não... e a Área de Códigos e Linguagens era imensa, e é imensa, é o grupo que tem mais professores.

L: Quantos mais ou menos?

S: Tem uns 10! 8,10. Por que são 5 áreas né, 5 disciplinas pra contemplar a área, e cada disciplina as vezes tem 2, 3 professores, Português e Literatura principalmente, por que Educação Física ainda é 1 ou 2, Artes é 1 ou 2, é 1. Inglês é 1, mas Português e Literatura depende de uns 7 ou 8. Uma época, numa reunião, eu me lembro, eu contei 10. Por que daí tinha a professora de Espanhol que atendia o Médio, tinha o Médio, tinha o Inglês o Médio, e tinha o... outro professor que atendia outra turma junto, ai era um monte de gente! Então foi isso, mas assim, desafios, muitos, por que? Por que nós... pra mim, na Educação Física, muito, por que eu tive que procurar levar pras reuniões, coisas que não eram difíceis mas eram mais assim... como é que vou dizer pra vocês? Não difíceis, mas enfim, dificultando um pouco, por que os temas as vezes vinham com uns temas assim, literários. Hã... Rebuscados, que contemplam Português, Literatura...

L: Tu lembra de algum pra nos dar um exemplo?

S: Sim! Os... O... Uma das... Uma das propostas da... da Literatura do...

L: De algum autor específico?

S: É, da... Não sei se era Romantismo...

E: Quer dizer, trabalhar alguma coisa da Literatura dentro da Área das Linguagens...

S: Dentro da Área das Linguagens, né! Por que daí foi no início também, muita gente não tinha ideia. Se eu lançasse alguma coisa da Educação Física, o que que eles iam fazer? Então se partiu do Português e da Literatura pra vim e pra desmembrar pros outros. Aí, nas... Aí comecei a ver uma Linguagem, um texto da época do início das Olimpíadas, da História, do contexto assim, pra gente poder chegar pra contemplar alguma coisa, então pra mim era bem difícil, a gente não tinha

experiência, não tinha um treinamento né, o que fazer né?

E: Muda um pouco aquela ideia de tu reconhecer o... as necessidades do aluno pra depois fazer um planejamento, é o trabalho inverso...

S: ...O trabalho inverso...

E: ...buscar fazer alguma coisa pra adaptar a um modelo...

S: ... a um modelo, exatamente! E aí existe uma dificuldade, por que nós na Educação, na área escola não temos esse aprofundamento. A gente tá acostumado a fazer os planejamentos, tudo bem, mas aí se... claro, é um desafio por que tem que se aprofundar em temas, tu tem que montar né, objetivos, metodologias de trabalho, pra contemplar aquilo com todo mundo, né. Então foi... Esse, isso é um desafio do Politécnico. Mas o que que aconteceu? No primeiro ano, nós tivemos isso pra poder... que o primeiro ano tudo é muito mais difícil né, primeiro por que não nos disseram como trabalhar assim de uma forma, "é aqui!" Já no segundo ano, bom, ouvindo outras escolas, ela indo à reuniões, tendo relato lá com a cúpula, as escolas... sentindo que as escolas estão se moldando conforme também à realidade que eles tem de alunos do Ensino Médio, como trabalhar, foram tentando ver uma... um... uma...

L: Novas idéias...

S: Novas idéias! Ou alguma coisa facilitadora pra poder né, um membro... bom vamo... vamos ver o que a gente pode fazer. Aí a gente já conseguiu mais adiante tentar, hã... entrar nuns assuntos mais gerais, né? Pra gente poder abranger todas as Áreas, e aí isso facilitou. E também uma proposta da professora da Ciências da Natureza de fazer um trabalho interdisciplinar, contemplando uma disciplina ou duas das Ciências da Natureza, Geografia, e aí partiu dela, com a experiência que ela já tinha feito numa escola particular, aí a professora Su, de Física propôs um trabalho com Física, Química, Geografia, Educação Física, Matemática e ...

L: Quase todas as Áreas...

S: Quase todas as Áreas! Aí nós fizemos um trabalho grande. E eu tinha dois estagiários da UFRGS na época, 3 guris muito bons, que trabalhavam à tarde comigo aqui na escola. Então nós sentamos e ela fez uma reunião, passou toda a direção do trabalho, pra gente fazer uma prática lá no campo do BOE, aqui na frente do Central. Por que? Ela ia usar, uma turma só, a gente fez. A gente usou um 1º ano, dois 1ºs anos, duas turmas eu acho. Duas turmas do primeiro ano. Nós usamos... pegamos as turmas, né. O trabalho consistia em os alunos aprenderem através dos movimentos da Educação Física, a mecânica da Física.

E: Que interessante!

L: Que legal!

S: E aí, então fazer uma proposta prática pra eles enxergarem os movimentos e vivenciarem pra ela

poder estudar Física, tá? Aí a Química veio com a questão alimentar, fizemos um lanche coletivo, pra usar as propriedades antes de eles irem pra lá e... a Matemática entrou com o Cálculo, por que usou o espaço que eu tinha, por que daí eu fiz, o que que eu sentei com os guris, a gente pensou em fazer: corrida, salto, por que a professora de Geografia usou a questão do local da... do... né? Então nós fizemos a parte de a... focamos na parte do Atletismo, por causa dos movimentos, lançamento, corrida e salto. Aí a gente conseguiu fazer um trabalho interdisciplinar.

L: Interárea né?

S: Interáreas. Exatamente! Por que aí entrou a Área de Ciências da Natureza, entrou Matemática e entrou humanas e entrou Linguagens.

E: Que interessante tu falar isso, por que eu tava falando acho que com a Lisandra, essa semana, e eu tava falando sobre a necessidade de fazer sentido pro estudante ver aquilo que ele tá aprendendo né, então eu dei pra ela o exemplo de tu aprender Física através do que é observado né?

L: Das coisas do dia-a-dia, né?

E: Das coisas do dia-a-dia! Então aproximar da realidade do estudante pra ele compreender outras coisas, por que, uma coisa é tu falar sobre as... os conceitos da Física, outra coisa é tu falar e enxergar, então é muito interessante ouvir isso, por que até é o que contextualiza a interdisciplinaridade, que a gente tá identificando né.

L: E tu lembra o ano disso Silvia?

S: Foi em 2013, foi no 2º ano, foi em 2013.

E: Foi um trabalho com a professora de Física, a Sueli?

S: De Física, a Sueli! Uhum!

L: Por que é um processo né, que vem acontecendo né, desde 2011, essa interpretação da Proposta.

S: Sim, aham. Com toda essa implementação da Proposta, exatamente!

L: Por que eu vi agora que tu comentou, que esse tema hoje, discutido nessas reuniões por Área, que é o tema da cidadania né, por que então hoje já tem um tema assim mais possível trabalhar em todas as Áreas, que inicialmente lá, aquele tema mais literário, então agora foi um processo pra chegar num tema mais acessível a todas as Áreas, de repente a gente pode pensar isso né.

S: É! Isso! Nós optamos! Exatamente! Exatamente! Isso! Exatamente! A gente... Sim, pode-se pensar isso! Nós... nós, escolhemos a cidadania dentro da Área de Códigos e Linguagens, por que nos facilita a interagir, a montar as atividades né, e tentar tocar já, por que o que que aconteceu? Nós temos que esse ano, veio que nós temos que fazer o Plano da Área de Conhecimento, nós temos que fazer os nossos Planos de Estudo, e temos que fazer os planos de trabalho os planos de Aula

E: Naquela reunião pedagógica...

S: Semanal, tu viu?

E: ...Eu tava junto aqui na reunião...

S: Pelo amor de Deus! Desde que eu tô no Estado, nunca! Isso é só papel, quem é que vai pegar os planos de trabalho, tem que botar março, 1ª semana, 2ª, 3ª e 4ª, eu terminei tudo ontem, e trouxe de tarde pra... pra... pro Fábio e pra... por que ficou escolhido um coordenador por Área né, de conhecimento, pra receber tudo e montar pra entregar pra Beatriz, aí eu fiz tudo ontem em casa, escrevi, ó Fábio, o meu tá aqui, mas eu não... digitar... nem pensar por que eu demoro muito, o meu computador tá com problema, eu to trocando em casa, ele “não, pode deixar que eu faço, tranquilo”, ele é aluno da... foi um PIBIDIANO, terminou o Curso de Letras, tá fazendo Estágio e Supervisão, tá fazendo um pós em Supervisão, ele tá bem disposto, ele é jovem...

E: Ele é da PUCRS né?

S: Ele é da PUCRS, aham! Tá desde o início do PIBID, claro, já se formou, o PIBID de Português também não tem mais. E aí dei pra ele e disse, olha tu vai me desculpar, ele “não, pode deixar que eu boto”, agora tu me diz pra quê? Qual fundamento? Até por que não vai acontecer aquilo ali, cada semana tem várias coisas que acontecem diferentes pra ti trabalhar com a turma, tem que fazer todas as semanas do ano.

L: Tem que fazer maio agora também, junho...

S: Não, eu já fiz tudo!

L: Tudo?

S: E já entreguei! Ele vai digitar.

L: Todo ano?

S: Sim, por que eu tive que fazer o planejamento todo meu da Educação Física, e aí tive que depois diluir todo nas aulas semanais.

L: De março a dezembro?

S: Querida, eu já entreguei tudo! Tudo! Março, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª semana, os meses que tem 5 semanas já tá ali. Tem que botar até a 5ª semana!

L: Mas aí é só seguir o planejamento então. Tipo assim né, a ideia do que que vai acontecer durante o ano na vida do estudante, na vida da escola...

S: Sim! É! Mas tu acha que vai acontecer aquilo tudo? Eu tive muitas coisas, eu botei a... eu tive que... claro, eu olhei o primeiro trimestre, o que que eu dei, o que que eu dei ênfase? Na ética esportiva, no esporte e saúde, depois no outro nos jogos olímpicos, os valores olímpicos, no outro o esporte e rendimento, a parte toda a pirâmide alimentar. Tá! Tudo entra na cidadania! Tudo entra, mas as aulas de escrever, tudo, eu botei vivências de Flag, de Hóquei na grama, botei tudo, entendeu? Claro! Vou... Jogos, as... eles fazem atividades físicas, nós não temos como não... Claro, não fica exatamente fechado, né, não. Vai bater sim, mas não vai ser aquilo ali, até por que eu não vou dar só, eu não tenho que dar a parte prática, eu tenho que dar a parte de circuitos, atividades físicas, os jogos pra eles, as vivências, não tem como tu fugir disso, mas

eu vou dar todas as aulas que foram né, que estão ali no contexto, no planejamento.

L: E isso foi uma exigência desse ano?

S: Desse ano, mudou tudo! A Beatriz teve reunião lá na SEC, chegou com aquele monte de papel. As competências, as Habilidades, né, tudo bem, claro que é até bem bom! Já, é bom vir por que a gente já tem uma noção né, foi montado. E aí tu vai colocando as habilidades e as competência, aonde se enquadra dentro do teu planejamento.

L: Mas é que recém tá se dando conta de entender uma Proposta, né...

S: Isso!

L: Aí já tem mais exigências...

S: Uhum! Aí já tem mais exigências!

E: Posso...

S: Pode!

E: ...aproveitar pra fazer um gancho aí então, de uma...

S: ...claro!

E: Eu vou querer só fazer uma pergunta então, sobre um assunto específico agora que já tem muito interesse pra mim, que é o Seminários Integrados né.

S: Aham

E: A gente acompanhou com a senhora nas aulas do ano passado ali, as turmas de Seminários, a gente ficou bem surpreendido com o trabalho dos estudantes, que ficou muito bom. A gente viu o empenho deles em apresentar o trabalho e tudo. E eu gostaria de saber assim, é... fazendo uma avaliação, um balanço, de como que foi trabalhar com Seminários, o que que pra ti assim, tu, consegue...

S: ...pra mim?

E: É, pra ti assim! O que que tu conseguiu? O que que te ajudou, trabalhar com os Seminários? O que que tu entende assim, que os Seminários agrega né, na tua formação assim pra...

[Telefone da entrevistada toca e ela tem precisa se retirar, então foi respondida uma última pergunta]

S: Assim, me trouxe muito... Me abriu os horizontes! Assim, nesse momento na Educação Física, tá. Por que? Por que também foi um novo desafio em pensar nas propostas de como trabalhar o Seminário, né. E eu interagi com os alunos em função de temas, ver a maneira de eles trabalharem de forma diferente das aulas práticas de Educação Física, né. O desafio também deles, “Ai professora, pô, Educação Física, Seminários, por que que a gente não tem Educação Física?” Não, vocês tem Educação Física mas nós temos que cumprir o Seminário. Eu acho que esse lado do Seminário foi positivo na Politecnia, de alguma forma, por que também priori... deu espaço pros alunos também mostrarem mais a capacidade que eles tem de fazer, de estudar, de apresentar, proporcionou, abriu assim o espaço pra eles fazerem isso, eu acho isso positivo.

L: Protagonismo deles...

S: Isso, amadurece, né. Eles tem que aprender a se colocar, a dar opiniões, né, trabalhar com a oralidade, questionar, enfim. E isso é importante né, pros jovens. E nesse momento assim, que eu achei que depois pensando que quando vivi mesmo o Seminário, eu achei bem interessante. O início foi difícil por que o que trabalhar nos Seminários? Como trabalhar? Pra uma disciplina que não existia no início, né. E não existia no currículo né, na grade, então o que fazer pra poder proporcionar a ideia dele, o que trabalhar no Seminário com os alunos? Então quando eu fui pros Seminários, bom vamos pensar numa adequação também, então, usando também a disciplina de Educação Física assim, os temas de Educação Física, enfim né. Pra eles não fugirem tanto, já que eles tinham Seminário já com outra professora, então eu disse bom, eu vou ocupar...

[Nesse momento uma senhora chama a entrevistada e ela menciona que já está indo]

S: Então foi isso assim, eu pra mim foi bem positivo, adorei, gostei, acho que os alunos aprendem muito!

L: Tu trabalhou ano passado e 2014?

S: Trabalhei só um ano, só ano passado, nos terceiros anos. Tá?

E: E nesse ano tu não tá com nenhuma turma?

S: Não, nenhuma turma! Tá? Gente, eu vou ter que deixar, por que a direção, sabe como é que é né?

L: Sim, a gente te agradece muito!

E: A gente queria te agradecer muito, muito obrigado! Vai nos ajudar muito!

S: Tá! Imagina, que isso! A gente tá aqui pra isso! Também se quiserem depois pra outro momento, a gente não fica... Isso aqui eu posso entregar depois?
[Termo de consentimento]

ANEXOS

ANEXO A – CARTAZES DO SEMINÁRIO INTEGRADO

TRABALHOS DE SEMINÁRIOS INTEGRADOS INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CENTRAL

